



ROTÉIRO DE VIDANTIL Na PráDica



Roteiro de Vídeo Estudantil na Trática

Josias Pereira Cláudio Garcia

Copyright © 2018 Josias Pereira e Cláudio Garcia

Capa: Ana Paula A. Ribeiro e Kevin Proença

Revisão: Bárbara Barbosa

Diagramação: Edileusa Cruz

ISBN - 978-85-922117-1-4

Editora: Erdfilmes

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangíveis ou intangíveis — sem o consentimento escrito dos autores.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Trefácio

Desde criança gostava de brincar de teatro e ouvir as histórias que a minha madrinha me contava.

Quando cresci, me tornei médico cardiologista e continuei gostando das histórias que os pacientes me contavam.

Por tudo isso me tornei um roteirista, escuto os contos que guardo no coração e escrevo para outras pessoas verem em ação na tela ou no telão.

Escrevi livros, peças de teatro, roteiros para cinema e televisão no Brasil e pelo mundo, onde ganhei prêmios, expectadores e amigos. Aprendi que a imaginação não tem fronteiras nem nacionalidades, raças nem idades, é uma capacidade que todas as pessoas possuem e ela se chama criatividade.

Mas um roteiro possui suas características e fundamentos, que são bem diferentes da escrita de um livro.

Em primeiro lugar devemos estar atentos para o fato de que estamos escrevendo para sermos vistos, em outras palavras, para "O olho da câmera". Neste caso precisamos de imagens, personagens e falas (diálogos).

Que cada cena deve conter o onde, o quando, o quem (personagem) e que o roteiro deve conter uma construção (ou melhor, sequência de cenas), sempre em evolução.

Se começamos com um namoro, depois vamos ver o noivado, o casamento e a lua-de-mel.

Lua-de-mel sim! Porque toda arte nasce do amor que temos por ela, da paixão de criar.

Então, nossos personagens devem viver o que eu chamo: a aventura dos sentimentos.

Assim: amor, raiva, ciúmes, mentiras, honestidade, sonhos, inveja, valentia, bondade, medos, etc., mostram como é o ser humano, tanto para o bem como para o mal.

Para concluir, recordar que longo ou curto, um roteiro de ficção ou documental começa com uma ideia, é escrito para ser filmado ou gravado, e principalmente não pode ser chato. Ele é feito para distrair o ser humano, capturar sua atenção e contemplar a quem assiste uma nova visão da vida, criada por um artista.

Bom Trabalho! Boa Sorte!

Doc Comparato

Introdução

Prezado professor, este livro estou dividindo com o meu amigo Cláudio Garcia, que conheci no final dos anos 1990, quando eu, como aluno do curso de Rádio TV da UFRI, fazia vídeos de ficção e ele era aluno na universidade vizinha, a UNI-Rio, onde cursava Licenciatura em Artes Cênicas. Realizamos em torno de dez vídeos (mais ou menos) em uma época em que não existia youtube (que surge em 2005) e eles só eram exibidos em festivais ou então na TV comunitária. Aprendemos, juntos, essa ação de fazer vídeos. Passados alguns anos (não precisa contar quanto tempo faz isso, ok?), estamos do mesmo lado, agora na produção de vídeo estudantil. O Cláudio Garcia tem uma experiência muito grande na realização de vídeo com os alunos, como professor de teatro. Sua disciplina, como ele mesmo já comentou, é fazer vídeo, o que não tira o mérito da qualidade dos vídeos e nem da larga experiência que ele acumulou ao longo do tempo na relação com os alunos. Neste livro que tenho a honra de dividir com ele fiquei com a parte teórica (aquela que os alunos odeiam) e ele ficou com a parte prática (a que os alunos adoram). Espero que possamos contribuir para pôr fim a esse medo que os docentes têm na hora de fazer o roteiro, pois percebemos que muitos desistem de fazê-lo e os que conseguem efetivar o roteiro avançam e realizam o vídeo. Então, esse vai ser o nosso desafio: encantar você, professor, para realizar vídeos com seus alunos e ter uma base teórica e prática para fazer um bom roteiro.

Criamos o Laboratório Acadêmico de Produção de Vídeo Estudantil, o <u>LabPVE</u> que tem a finalidade contribuir com pesquisas, cursos e ações prática para ajudar o professor a produzir vídeo com seus alunos.

Então, vamos lá!

Quando Josias me convidou para escrever este livro com ele, me deparei com uma grande questão: como é o meu processo para realizar vídeos com os alunos?

Antes de começar, de fato, a falar de como eu trabalho, vou fazer uma rápida introdução para contar como troquei minhas aulas de teatro pelas de vídeo.

Sou carioca, ator, formado em Licenciatura em Artes Cênicas pela UNI-Rio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro) (1998). Em 1999, tomei posse em minha primeira matrícula na Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Rio. Durante três anos montei com os alunos algumas peças de teatro na escola, até que, em 2002, consegui uma câmera emprestada com um primo e fiz a proposta aos alunos de uma de minhas turmas de produzirmos um vídeo. Eles toparam e logo começamos a fazer pequenos vídeos, como se fossem um programa de debates, em que a cada semana um aluno seria o apresentador e mediador do debate sobre um tema pensado por ele para aquela aula. A experiência nos rendeu mais de dez pequenos vídeos que foram exibidos na escola sem nenhuma edição. Os alunos curtiram e pediram mais aulas com vídeo. Fomos criando outros pequenos programas de TV, comerciais e minidocumentários. A coisa fluiu, o tempo foi passando e comecei a tentar editar os vídeos usando meu videocassete e o da escola, nos moldes do antigo sistema linear de edição. Daí para frente não parei mais. Logo deixei as aulas de teatro e passei a trabalhar só com audiovisual em minhas aulas.

Em 2017, fez 15 anos desta primeira experiência. Já foram mais de 200 ideias que saíram do papel, desde então, sendo mais de 100 com um trabalho mais elaborado de criação de roteiro, gravação e edição. Alguns não chegaram a ser concluídos por falta de tempo, ou por desistência dos alunos no meio do caminho, ou outros motivos diversos. Foram muitas estratégias utilizadas para criação dos vídeos, processos diferentes, vídeos que surgiram sem que esperássemos, outros que vieram com seus roteiros prontos de casa. Cada turma tinha sua maneira de trabalho, cada ano eu

testava novas fórmulas. Certa vez, em 2007, uma aluna trouxe um roteiro de casa todo escrito, com todas as falas, cenas e era só gravar. Até que outra aluna trouxe um livro com um conto que era exatamente o roteiro trazido por sua colega, que apenas o copiou para seu caderno e apresentou como se fosse seu. Isso me fez pensar muito e a partir daí todos os roteiros foram escritos em sala de aula e não mais em casa.

Não sou cineasta. Não tenho formação acadêmica na área e fui buscando aprender em livros, na internet, vendo *making of* de filmes e também com minha experiência de ator em alguns trabalhos para a TV. Não tenho a pretensão de ensinar ninguém a fazer vídeos com seus alunos. O que pretendo, é mostrar algumas possibilidades de processo que tenho utilizado nos últimos três anos nas quatro escolas em que trabalho, e que vem tendo resultados bem satisfatórios.

A produção de vídeo estudantil envolve muita coisa, mas considero a parte mais importante a de criação do roteiro e vou tentar me ater a ela.

Cláudio Garcia

SUMÁRIO

Prefácio	4
Introdução	6
Capítulo 1	15
Representação Social e o Roteiro Estudantil	
Representação Social e o Roteiro Estudantii	13
Capítulo 2	21
A Narrativa	21
Propp	25
O Herói de Mil Faces	
Memorando Disney	30
Exemplo Prático	32
Operação Camisinha	
Metodologia PVE - Pitching - Não escrever o roteiro	
Capítulo 3	
Neurociência e Produção de Vídeo	
Produção de Vídeo	45
Capítulo 4	48
Preparando a Turma Para a Elaboração do Roteiro	
Apresentando as Ideias para os Roteiros	
0.7.1.7	
Capítulo 5	
Escrevendo o Argumento de um Filme de Ficção	
Criando a Estrutura do Roteiro.	61
Capítulo 6	65
Criando Roteiros na Prática.	
Argumento	
Como se Faz isso na Prática?	72
Tratamento	
Capítulo 7	
Argumento	77

Josias Pereira e Cláudio Garcia

Roteiro	78
Capitulo 8	91
Agora é a sua vez	91
Sobre Josias Pereira	
Sobre Cláudio Garcia	
Referências:	98
Notas de fim:	101

"Um dos prazeres que sinto ao produzir um filme é constatar que muitas vezes uma cena inesperada - ou até mesmo errada - acaba dando certo".

Charles Chaplin

Capítulo 1

REPRESENTAÇÃO SOCIAL E O ROTEIRO ESTUDANTIL

Antes de falar sobre como escrever roteiro (veremos isso mais à frente) quero apenas levantar alguns questionamentos de como o aluno vê o roteiro. Para ele, é algo simples, é o contar histórias, coisa que ele já faz no seu dia a dia. E como contamos história? Ouvindo história, vendo histórias e então, com base nisso tudo, criamos ou imaginamos a nossa. Como o professor pode contribuir com essa ação?

Defendo a criação de cineclubes em escolas para que o aluno possa ter contato com histórias diferentes.

A criação de vídeo estudantil está ligada à realidade que o aluno vivencia, por isso a importância do cineclube. Essa ação contribui para o seu espaço cultural e simbólico para poder criar histórias. O que externo (tema e história) é a forma como internalizei várias ações da sociedade e da vida. Escrevo sobre a realidade que vivo.

O trabalho de conclusão de curso de Kelly Demo Christ (2015)¹, que orientei, trabalha um pouco essa ação. Sugiro aos interessados conhecerem

OBU70GRYzZa/UFPel TCC CinemaAudiovisual 2015-2 Kelly Christ.pdf?dl=0

.

¹ CHRIST, Kelly Demo. **Perspectivas de ensino e expressão com o cinema: um estudo a partir do projeto oficina de vídeo estudantil.** Disponível em: https://www.dropbox.com/sh/rvip71ttmxqcn3n/AACB6VenOBMuO-

essa monografia¹. A referida aluna mostra como é difícil separar o tema do vídeo estudantil da realidade que o aluno vivencia.

Quero apresentar a Representação Social como base para compreender essa ação.

- Qual o motivo de conhecer essa teoria da década de 1960? Quero escrever roteiro.
 Deve pensar você, leitor. Então...
 - Calma...

A primeira coisa que eu respondo é: como você cria roteiros? Não digo em formato, nem vou entrar nesse mérito, desejo falar de criação. Já reparou que vídeo estudantil fala de alguns temas?

Bulliyng
Namoro
Droga
Zumbi

Esses são os temas mais usados. É só analisar os festivais de vídeo estudantil que podemos ver essas ações e devemos nos perguntar "Por que isso acontece?". Bem, acontece, pois é a realidade deles.

	Namoro
ETIVA	Romance
Subjetiva	Beijos
	Traição
Y.	Bullying
EXTERN	Droga
EX	Zumbi

Mas como essa representação social funciona no roteiro e o que ela é?

- Lá vem teoria...
- Sim, relaxa que você vai gostar!

Segundo Moscovici (1978), propositor desta teoria, a Representação Social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. Percebe comportamento e comunicação.

A Teoria das Representações Sociais foi desenvolvida por Serge Moscovici e esta teoria, a princípio, estava ligada à Sociologia com o estudo da coletividade e depois foi ganhando espaço na Psicologia Social. O Conceito de representações coletivas foi elaborado por Émile Durkheim, de onde Moscovici iniciou sua pesquisa. Para Denise Jodelet, a representação

É uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (JODELET, 2001, p. 22).

Para Moscovici (2003), o indivíduo aprende as representações sociais dos grupos dominantes e, através da internalização das mesmas, é que irá exprimir seus sentimentos, valores e ideias. Sendo assim, não podemos deixar de lado as redes sociais e a forma com que nossas crianças são socializadas e apreendem a sociedade através da imagem. Moscovici expõe o conceito de ancoragem e objetivação que pode ser apresentado com um paralelo em Piaget (1972), em que a ancoragem seria a assimilação e a objetivação o processo de acomodação, porém, para o autor, este processo passa pelo cognitivo, pela experiência e pela afetividade, não ocorrendo de modo mecânico. Preciso compreender e então aquilo fará sentido. O sujeito é ativo e constrói o conhecimento. Sem a ação do sujeito essas internalizações não ocorrem. Essas representações podem ser verbais ou não verbais. Em nossa sociedade apreendemos essas ações não verbais quando crianças, observando

as pessoas próximas, TV e as redes sociais. Sendo assim, a comunicação não verbal faz parte da nossa forma de se comunicar. Internalizamos essas ações de modo inconsciente.

Então, devemos, em um roteiro, utilizar essas ações, pois são realizadas pelo corpo (corpóreo), que apresenta forte carga emocional que é identificada e lida como um texto pelas pessoas. Então, antes de escrever, pense na Representação Social, pense na ação não verbal, no que deseja passar e como o outro deve entender.

Para Jodelet (2001), as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada. Geralmente de cunho prático, visam a contribuir para a construção de uma realidade comum. Na verdade, podemos pensar essas ações como sistemas de interpretação. A realidade que vivemos é mediada por signos que internalizamos como sendo ações de comunicação.

As representações sociais são elaboradas e partilhadas socialmente, o que denota mais complexidade tanto quanto relativo à sua produção, quanto no que tange a sua circulação. Nesse viés, a construção da visão de mundo da comunicação de massa é sempre um ponto de vista do real.

Já Spink (Org. 1993) considera as Representações Sociais produtos tanto de determinações históricas como do aqui e agora, sendo, portanto, dinâmicas em sua essência. Possuem a função de orientação no sentido de situar o indivíduo no mundo e, com isso, definir a sua identidade social, que seria o seu modo de ser particular. São valorativas, antes de serem conceituais, respondendo a ordens morais locais, e por serem conhecimentos práticos, são orientadas para o mundo social, dando sentido às práticas sociais. Por isso que defendemos que o aluno narre uma parte da representação social que vivencia (tema) e da forma que pensa (narrativa). Vivencia o tema e o reproduz em um vídeo. Claro que estamos supondo e apenas debatendo que essa ação pode ser realizada, pois Moscovici não aprofunda o modo de internalização da ação. Posso vivenciar em espaços repletos de violência simbólica e não a reproduzir, pois internalizei de outra forma. Então podes me perguntar:

- Josias, estás a me enrolar?

E eu responderei:

- Não, estou a te mostrar que essa ação pode ser utilizada não como regra, mas como uma teoria a ser pensada.

Podemos pensar a representação como um sistema de valores que representa alguém ou alguma coisa e sinaliza aquilo que é socialmente valorizado tornando inteligível a realidade física e social. Ou seja, para poder me comunicar com você neste momento é preciso termos um código e ações em comum para que exista a comunicação. Isso tudo se dá com a criação de um signo.

Lembrando que a criação de um signo é social e tem como ideia principal a comunicação entre esses grupos, vamos dar como exemplo a placa de trânsito que serve de comunicação entre os motoristas (comunicação não verbal).

A partir da definição clássica de Moscovici é possível considerar, por exemplo, que o aluno vê o mundo através de seus roteiros. O aluno externaliza o modo de vida, os signos que internalizou durante sua socialização.

Torno-me humano vivenciando ações humanas ou representativas destes humanos. Assim, me socializo com os meus pares e me comunico com eles.

O professor também pode ter ideia do conhecimento prévio que o aluno tem sobre um tema X ou Y, dependendo do grupo social onde a escola está inserida, por exemplo, e do tipo de comportamento do aluno. Alguns dos conhecimentos que o aluno traz são produzidos socialmente no cotidiano pelas coisas que ele vê ou pelas coisas que ele ouve, e, neste caso, a mídia pode contribuir para tal processamento e, claro, as redes sociais.

Se analisarmos as famílias mais simples, elas têm na mídia um espaço de produção de conhecimento muito grande. A TV é usada como um

instrumento de construção do real. Já que a informação chega por esse aparelho, espera-se que o indivíduo se comporte ou reaja, se comunique ou inter-relacione, de modo a empregar essa visão de mundo e comungá-la com os demais. O externo me mostra ações, internalizo e apresento meu ponto de vista sobre o que o externo apresenta.

Sabemos que nem sempre essa informação apresentada pela mídia é verdadeira, ou melhor, é verdadeira, mas dentro de um ponto de vista específico, o que a mídia deseja passar. Assim, a força impressionista que a TV exibe está arraigada à crença produzida socialmente de que tudo que a TV exibe é certo, e muitas vezes suplanta o discernimento dos espectadores pelas notícias não tão "lícitas". Defendemos desde o primeiro livro de 2005 (Verdade Derradeira: Porque a TV pode mentir) a ideia de que o público acredita no que vê na TV e simplesmente aceita muitas das ações, por isso a indignação – será que a TV mente?

Assim sendo, é a representação social que o aluno vivencia que ele vai querer trabalhar em seu tema e em sua narrativa.

- O que é essa tal narrativa agora?
- Calma que ela está chegando...

Capítulo 2

A NARRATIVA

Depois de falarmos sobre Representação Social, iremos abordar a narrativa e seu desenvolvimento até a "Jornada do Herói". Iremos iniciar nossa divagação com base onde tudo começou por ser mais científico e por valorizar as pesquisas anteriores. Para o leitor apressado, pode pular. Entendo o seu desejo prático, mas o conhecimento científico vai te dar a base para debater e compreender essa evolução...

Já foi? Não? Que bom, então vamos lá, passo a passo...

Então eu te perguntaria: O que é narrativa? - Uma forma de narrar, pode responder você! E eu diria: Isso! Não é simples, mas como isso se dá na prática do audiovisual?

Bem, vamos tentar compreender primeiro o que é o roteiro. Ele é a base para compreender a narrativa do filme, como o roteirista organizou as cenas e os diálogos, qual o passo a passo que ele utilizou e pensando em que grupo social.

- Ah, Josias, para com isso! Vai dizer que eu tenho que pensar no público que vai assistir ao meu filme também?
- Sim, vou dizer e afirmar isso.
- Mas, por quê?
- Como a representação social está ligada à semiótica, estamos falando de qual signo o espectador vai entender.
- E daí, Josias?
- Então, minha comunicação vai ser melhor se eu utilizar os signos que você compreender.
- Hummm, tô entendendo.
- Então, se eu escrever um filme sobre gravidez na adolescência para adolescentes é um signo. Já escrever um filme sobre gravidez na adolescência para a terceira idade é outra forma de narrar. Entendeu?
- Muito fácil!

Bem, o roteiro narra (apresenta) alguma coisa e no cinema esse narrar é a narrativa do filme. Convencionou chamar narratologia o estudo desta narrativa que pode ser de ficção ou não ficção. Dentre os autores dessa área podemos destacar Greimas² (meu queridinho!) e Propp. Aqui, um adendo importante: a narratologia tem como influência os estruturalistas (não sou estruturalista, ok?), um grupo que tenta, (escrevi tenta...) adaptar as metodologias das ciências exatas nas ciências humanas. Já deve ter visto que "ia dar ruim, né?", pois é, deu... Bem, nas ciências humanas nem sempre conseguimos refazer o experimento, pois o sujeito da pesquisa muda a todo instante (os seres humanos). Já nas ciências exatas é mais fácil, pois o átomo vai sempre ter as mesmas características respeitando atmosfera, temperatura e pressão. Vamos ver como isso funciona.

Em primeiro lugar, a narrativa tem que ter uma base que é a estrutura que vai apresentar o desenvolvimento da trama. Sabe a diferença entre trama e drama?

Trama - Enredo de uma história.

Drama – (tem vários significados):

1 – Escrito para ser encenado;

2 – No cinema e televisão texto sério não cômico;

3 - Narrativa que tenha conflito ou atrito.

Usaremos aqui o último significado da referida palavra. É bom deixar claro que a visão dos autores e teóricos (qualquer um) sempre tem como base a representação social de sua época e o conhecimento que o autor e a sociedade têm sobre o tema. Por isso, o importante não é apenas o que foi dito, mas quem disse tal frase e em que momento histórico-político-social.

Tenho visto pessoas escrevendo sobre produção de vídeo sem a base para isso. Já vi erros técnicos, lembro-me de uma banca de mestrado que a aluna usou um termo técnico totalmente errado, questionei-a e ela disse que aquilo era do livro que usava como referência. Pedi o nome do autor e pesquisei - realmente o livro existe e ele escreveu um termo **TÉCNICO** errado. Fui pesquisar o autor e era um professor de outra área falando de Cinema, por isso o erro técnico. Não defendo que só cineasta deva falar de cinema e coisas do tipo, mas acho que o autor deveria ter cuidado ao abordar algo que não é de sua área de atuação profissional.

Fiz questão de, no início do livro, falar quem eu sou e quem é o Cláudio Garcia, para o leitor saber que quem está escrevendo são pessoas que conhecem a produção de cinema, TV e vídeo, tanto na área profissional como na área acadêmica. Devemos fugir dos aproveitadores do modismo para vender livros, sem falar no *youtube*, onde qualquer um sabe tudo sobre tudo.

Voltando...

Para falar de narrativa é importante pelo menos citar o livro "A Poética", que apresenta anotações das aulas de Aristóteles (1992) sobre as duas principais artes da época, a poesia e o teatro.

A base de Aristóteles para a trama seria o início, o meio e o fim. Assim, tem início o texto base para ser encenado. Surge com a evolução a ideia dos três atos.

```
1º - Apresenta o personagem;
2º - Surge o problema;
3º - Resolução do problema.
```

Parece algo simples, mas como escrever? Sugiro sempre a base de representação social, ou seja, qual a base simbólica, universo simbólico que seu público tem e o que você deseja narrar (contar) para ele. Como estamos falando de vídeo estudantil é algo simples, pois é o mesmo universo que os alunos vivenciam, ou seja, deles para eles. Devemos ter em mente o que o público/aluno ao ver a obra vai sentir/ter uma ação/reação emocional com a obra. Essa reação, esse sentir, é a catarse (relação que o espectador tem com a obra de identificação, libertação) que só existe, pois o espectador realiza a ação de pensar sobre a ação dramática.

O aluno vive uma realidade X e vê no curta uma trama que tem ligação com o que vive no momento e o drama emociona esse aluno. Simples não?

Perceba que a narrativa está ligada à representação social do aluno na hora de fazer a história e na hora de escrever o roteiro.

Agora faço um recorte transversal e usarei ações da neurociência que há um tempo defendia que a memória estava em gavetas separadas, porém isso já caiu e defende-se atualmente que a memória está ligada em rede, por isso que uma coisa leva à outra e assim sucessivamente. Sendo assim, vejo, sinto, lembro e me emociono com o que vejo em função de lembranças minhas ou por assimilação com a minha vida ou com a minha realidade. Ao ver um filme crio internamente ações mentais sobre o visto e o vivido, por isso que adolescente adora filme de comédia romântica, pois estão vivenciando o início desta ação.

Outro autor é Syd Field (não gosto muito dele, mas...) quando diz que o roteiro é uma história contada em imagens (1982). E de onde vêm essas imagens? Como a idealizamos? Como roteirista acredito no mundo das ideias de Platão, onde o roteirista "pega" uma carona deste mundo ideal e coloca no nosso mundo esse pensamento, ou seja, a criação é "divina". Já Aristóteles vai defender que a arte da criação desta história tem como base o nosso mundo que imitamos do mundo das ideias e o "artista" cria com base neste mundo. Deixei várias aspas, pois essa ação que apresento é algo muito debatido, mas é a minha interpretação deste mundo das ideias e a *Mimésis*². Em um roteiro de vídeo estudantil, acredito que a maioria dos alunos vê o mundo ao redor e tenta interpretar à sua maneira, com os seus elementos inconscientes, mais ligados a Aristóteles do que a Platão. Por isso que, ao ver o roteiro do aluno, você passa a conhecer um pouco o seu universo simbólico e o que o afeta ou como pensa sobre um determinado tema.



PROPP

A estrutura narrativa foi revista por Propp no livro "Morfologia do conto Maravilhoso", em 1928, na Rússia. O autor analisou os elementos narrativos nos contos folclóricos russos. O que chamou sua atenção é que essa ação era limitada, ou seja, não havia uma mudança muito grande nas histórias, isto é, se repetiam as ações dos contos. Assim, o autor formulou essa repetição e surgiram as 31 funções narrativas, das quais destacamos: Proibição, Armadilha, Culpa, Confronto, etc., e são estas que inconsciente (Platãocriação) ou conscientemente (Aristóteles - mimeses) escrevemos em nossos roteiros.

-

² Dicionário Priberam: **mi·mé·sis** (grego *mimesis, - eos,* imitação) *substantivo feminino.* Disponível em: https: <//www.priberam.pt/dlpo/mim%C3%A9sis>.

Propp foi um dos expoentes da narratologia que passa a estudar essa sucessão de ações, ou seja, a trama (enredo da história). Propp aprofunda as questões levantadas por Aristóteles e vai analisar os contos russos e encontrar ações comuns nas narrativas. Essa ação nos ajuda a compreender que temos que criar os núcleos básicos primeiro e depois ampliar a problemática dos personagens e o que irá acontecer com ele. Utilizamos, sem querer, essa visão de Propp, no roteiro cinematográfico, que é justamente criar esses núcleos e os obstáculos que são a base da narrativa, do desenvolvimento do drama na trama. Algo acontece com um personagem dentro do seu núcleo e o que vemos é como essa problemática instalada se desenvolve e se resolve dentro da ação do personagem.

Perceba que o roteirista apresenta elementos do personagem ou da história que vou captando enquanto vejo. Será que posso dizer que essa mimésis leva à catarse do espectador por identificação subjetiva? Para pensar...

Aristóteles debate a peripécia³ na trama que chamamos hoje de ponto de virada e Syd Field vai chamar de *plot point*, ou seja, o mesmo nome para algo simples que é uma mudança dentro da história narrada, uma ação inesperada. Como ocorre em nossa vida, nem sempre as coisas acontecem como pensamos e temos que mudar as ações. Perceba que o importante não é apenas escrever a história, mas como ela é desenvolvida, como as ações da história são apresentadas ao público.

CUIDADO!

O roteirista **PRECISA** apresentar e levar o espectador a compreender o que deseja ser narrado (a trama). O roteiro é a base que vai ser vista e emocionar o espectador. Mais importante que a fala é a imagem que vai ajudar a narrar, pois não podemos esquecer que o roteiro não é literatura. Mostre em vez de falar. A imagem é mais forte para o cérebro porque precisamos pensar sobre o visto, interpretar. Já o áudio é concreto e finaliza em si a ação. Achou confuso? Veja este exemplo:

ROTEIRO:

Casal briga, a menina está chateada com o menino e chega perto dele. Menina:

Eu te amava e por que você me traiu?
Não posso confiar em você mesmo. Seu, seu...

Menina se afasta e a menino olha, corre até ela e o abraça.

Menina:

Eu não te amo mais, desculpe.

Menina sai e menino olha

Ok, agora vou dirigir essa cena.

Direção 1:

Ator diz tudo.

Direção 2:

Atriz chega perto do menino, em silêncio, apenas olha e choraminga. De fundo, o menino olha e chora também. Ela abaixa a cabeça e sai em silêncio. Menino caminha até ela e o abraça. Ela para, limpa as lágrimas e sai. Rosto do menino com os olhos vermelhos.

Perceba que no primeiro você entende de modo lógico o que aconteceu, uma vez que sua mente decodifica as palavras e o que elas significam. Já na segunda opção o diretor força o público a pensar naquelas ações e ao mesmo tempo vai sentindo a dor dos personagens. Imagina com a sua representação social o que aquela cena significa.

Vladimir Propp propôs em sua obra que os contos populares transmitidos oralmente quase sempre têm uma estrutura narrativa parecida. A base dessa narrativa não muda e os elementos se repetem. Em 1948, surge o

livro "A jornada do herói", de Joseph Campbell e, para alguns, foi inspirada em pesquisas de Propp.

O HERÓI DE MIL FACES

Joseph Campell, em 1948, lança o livro "O Herói de Mil faces", em que analisa como mitos e crenças distantes entre elas, e mesmo sem se conhecerem, repetem uma ação que seria a jornada desse "herói" real ou de ficção. Esses personagens passam por uma aprovação em que se dá o termo "A Jornada do Herói", e analisam as etapas, bases comuns na trajetória desses "heróis". Dentre eles destacamos o chamado da aventura, a recusa, caminho de provas, morte e retorno, etc. Esses "Heróis" têm uma narrativa, uma trajetória parecida. Será que a narrativa é biológica também?

O CHAMADO À	O Herói vive em seu mundinho quando é chamado à aventura.	
AVENTURA		
RECUSA AO	É a etapa em que o herói não se sente capaz de realizar o chamado	
CHAMADO	e desiste.	
O MENTOR	Aqui surge o mentor, a pessoa que vai ajudar o herói a seguir o	
	chamado, pois esse é para ajudar não o herói, mas a alguém. O	
	mentor pode auxiliar de forma psicológica ou prática com armas,	
	lutas, etc.	
PASSAGEM	O herói aceita o chamado e, com a ajuda do mentor, entra na	
	aventura.	
CAMINHO	Até que ponto as provas irão ser superadas pelo Herói? Irá	
	desistir?	
O ELIXIR	Uma recompensa sobre a travessia realizada.	
RESSURREIÇÃO	O herói renasce, encontra o sentido da aventura, compreende o	
	aprendizado e é agora um novo homem.	
RETORNO	Volta para casa e tenta viver sua vida simples como antes, no	
	início da aventura.	

Será que a "Jornada do Herói" não faz parte de nossos anseios, desejos e sonhos inconscientes de viver uma aventura? Será?

Na jornada, são apresentados os estágios pelos quais o herói precisa passar para compor uma ação parecida com o que Propp anunciava 20 anos antes. Segundo Claude Brémond (1971), toda narrativa consiste em um discurso integrando uma sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma mesma ação na qual não há sucessão, não há narrativa. Isso é importante, pois, algo tem que acontecer com o personagem para que ele possa agir, saindo do mundo comum, ou ter que mudar de trajetória na história, dependendo da peripécia encontrada. Da mesma forma, para Roland Barthes (1977), as narrativas não aparecem do nada, elas são construídas, selecionadas e ordenadas, e movimentam a história. É o narrar.

Isso acontece na vida real, mas de forma inconsciente. No cinema, é intencional. Quando você vê um fato e conta para outra pessoa (faz fofoca) você organiza as ações que irá contar e esse organizar, o narrar, é a narrativa. Para Brémond (1971), três fases possibilitam a análise do texto narrativo:

Início: uma função que abre a possibilidade de um acontecimento;

Desenvolvimento: uma função que realiza essa virtualidade;

Desfecho: função que encerra esse processo através de um resultado alcançado.

Essas ações da narrativa têm como base Propp (1928), seguidas e desenvolvidas depois por teóricos do roteiro como Syd Field (1982), Robert Mckee (2006), Linda Seger (2007), Jean Claude Carrière (1994) e Doc Comparato (2000), por exemplo. Uma das grandes contribuições de Greimas ao modelo proposto por Propp foi a de reduzir as 31 funções a apenas quatro e, desse modo, dar conta de todas as transformações da narrativa. Esses quatro programas narrativos juntos compõem o que se chama de esquema narrativo. Na prática é o básico: Algo acontece com alguém e como esse alguém vai resolver. A semiótica Greimasiana tenta analisar como essa narrativa se desenvolve ao longo da trama, essa adaptação é a que defendi no meu pós-doutorado sobre as teorias de Greimas³.

³ Pós-doutorado, tendo como tema **A teoria de Greimas o percurso gerativo de sentido.**

É interessante lembrar que o filme Guerra nas Estrelas de Jorge Lucas tem como base o livro de Campell⁴. Já pensou sobre o filme e a jornada do herói? Não são parecidos? Ou melhor, um apresenta a teoria e o outro a prática.

Particularmente não gosto muito de usar a Jornada do Herói, pois o Pós-Estruturalismo (o que eu uso), simplificando a sua teoria, defende a separação entre o significante e o significado; sendo assim, abre espaço para várias interpretações, o que dá força à significação, que é criação do diretor na hora de gravar. Com isso, a significação criada pelo espectador ganha força na interpretação que faz do que vê, pois é ele, o espectador, que cria subjetivamente o significado que deseja.



MEMORANDO DISNEY

O roteirista Christopher Vogler (1998) ficou conhecido por adaptar para os Estúdios Disney, na década de 1990, um guia para os roteiristas sobre sua leitura do livro "O Herói de Mil Faces", de Campell. Assim, desenvolveu o Memorando Vogler que tinha sete páginas e depois reescreveu no livro "A Jornada do Escritor: Estrutura Mítica para Roteiristas" em 1998. Basicamente explica como usar as ideias de Campell na prática de roteiro audiovisual. Na nossa prática de audiovisual veremos como funciona essa ação da "jornada do herói" que eu, particularmente hoje, não acho que faça parte do coletivo de

⁴ O que faz um herói? / A Jornada do Heroi - por: Joseph Campbell – Legendado. Canal **Setubas Channel**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cf4e-7k2i4&list=PLgTfVNdEL3B8ck-Co X468IxKv2-VtwEt

representação dos vídeos estudantis que me parecem vivenciar, mesmo sem querer, o "Pós-Estruturalismo". Mas acho muito válido falar e apresentar a jornada do herói, pois é algo que mesmo sem querer conhecemos e vivenciamos. E acho mais fácil para os alunos realizarem, já que, inconscientes, crescem vendo filmes que têm como base essa bendita jornada...

Aqui quero apresentar, mesmo que rapidamente, a ideia do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1969), que vai apontar a ideia do inconsciente coletivo e dos arquétipos que vivenciamos. Os alunos geralmente gostam muito de conhecer essa parte da psicologia. Na verdade, posso de certa forma pensar que esses arquétipos são representações sociais que vivenciamos (socialmente), sim, a Representação Social de novo!

Como isso funciona na prática?

Quando escrevo no roteiro "um pai olha para a filha e sorri", o espectador pensa na figura (arquetípica) do Pai e no amor que ele (qualquer pai) tem por um filho.

Quando escrevo este roteiro estou baseando em arquétipos

Pai x Filho x Amor

Quando começo a nomear essas ações saio do arquétipo para o individual, mas alimento o individual com a "áurea" do coletivo (arquétipo). Parece confuso, mas veja o exemplo:

Fernando olha para sua filha Camila no esplendor de seus 10 anos. Fernando foi um pai ausente e agora tenta se aproximar da filha, pois como tem aneurisma pretende viver o máximo ao lado dela. Abraça-a de modo apertado. Camila apenas olha para o pai, sorri e beija

suavemente sua face.

Quando escrevo essas informações sobre a doença do pai e sua relação com a filha, saio do arquétipo e uso a representação social destas informações para comunicar ao público que o que estão vendo não é um abraço de um pai com uma filha, mas de FERNANDO abraçando CAMILA. Sai o arquétipo e entra o ser humano.

Em sua teoria Jung defendeu que a consciência individual tem como base uma camada mais profunda, que seria a base comum a todos os seres humanos. A essa base comum o autor chamou de "inconsciente coletivo", que seria o espaço onde abrigamos os mitos, as religiões e as artes. Será que é graças à ideia do inconsciente coletivo que reconhecemos a Jornada do Herói? Jung defendeu a ideia dos Arquétipos que seriam símbolos que, de forma inconsciente, estão presentes na nossa mente. Mas como isso tudo funciona na prática? Vamos ver?

EXEMPLO PRÁTICO

Bem, vamos deixar a teoria de lado e ir para prática: como informamos a base ainda é **início**, **meio** e **fim**; apresentar o personagem, apresentar o problema que ele irá resolver (como sair do seu mundo) e a definição do conflito. Um exemplo é o curta "**Meu Primeiro Assalto**"⁵.

É um vídeo que mescla fala e narração. Eu recomendo iniciar com a modalidade fala até aprender a gravar o *live action* (com atores em movimento e fala). O filme foi produzido na escola EMEF Barão do Rio Branco e participou do II Festival de Vídeo Estudantil de São Leopoldo. Nos créditos não informam quem foi o roteirista, mas trago o nome dos diretores que são

⁵ Meu primeiro assalto. Canal **São Léo em Cine.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=J2qke-ALpGE

Agatha Victoria e Gabriela Gomes. Pela minha experiência, acredito que o roteiro deve ser de uma delas. Achei o **TEMA** e o desenvolvimento do roteiro fantástico. Veja o resumo abaixo:

O curta inicia falando que ele é um cidadão de classe média, da zona sul do Rio de Janeiro e que, evidentemente, será assaltado.

- 1 Fala do preparo do personagem para o primeiro assalto;
- 2 Personagem é assaltado por uma mulher (mudança de gênero);
- 2.1 O assaltante é gago (comédia);
- 2.2. O assaltante, atrapalhado, vai falar com outra pessoa que surge e o personagem que estava sendo assaltado não foge, pois quer ser assaltado;
- 2.3 Assaltante discute com a outra personagem que foge, assaltante com medo deixa a faca no chão;
- 3 O Assaltado chama o assaltante para entregar a bolsa da namorada que ele não levou e pega a faca e guarda, pois é o seu primeiro quase assalto.

O que vou comentar aqui não é com o intuito de desabonar os realizadores, pelo contrário, escolhi o roteiro pela qualidade, mas quero usá-lo como exemplo para poder mostrar como podemos melhorar um roteiro com base na narrativa.

Primeiramente mudaria o começo do filme. Não precisa colocar o assaltado na cidade do Rio de Janeiro, já que foi gravado em São Leopoldo, mas entendi que a ideia seria usar a representação social de que no Rio de Janeiro um morador de zona sul vai ser assaltado. Ok. Como o roteirista poderia mostrar isso? Primeiro mostrando ao espectador um bairro nobre de sua cidade.

- 1 Narração do espectador falando que pode ser hoje o seu primeiro dia (deixa o espectador na dúvida sobre o que é). Poderia ser o assaltado se arrumando no espelho e falando que pode ser hoje o seu grande dia. Deixando o espectador na dúvida sobre o que é;
- 2 Na escola, os amigos reclamando que foram assaltados e ele só olhando com cara triste;

- 3 Um amigo falando que foi assaltado na praça e ele triste, pois andou naquela rua alguns minutos antes;
- 4 Ele e a namorada andando na rua e o assaltante chegando;

Perceba que esse início aprofunda a ideia do assalto que ele quer sofrer. Depois, eu manteria a ideia do assaltante gago (muda a representação social do que é um assaltante e o gênero também (uma mulher);

- 5 Depois o roteiro apresenta que o assaltante vai tirar satisfação com outro personagem que passa na rua. Eu mudaria para uma pessoa sentada se levantando e reclamando do ladrão que vai falar com ela;
- 6- Namorada reclamando e o assaltado não querendo ir, pois é o seu primeiro assalto;
- 7 Assaltante briga com o senhor e o assalta (mudança na narrativa);
- 8 Assaltado vai reclamar com assaltante que deve primeiro assaltá-lo e a outra pessoa que espere. Na confusão o assaltante foge e deixa a faca cair. Assaltado pega a faca e a polícia chega e grita Pare aí, assaltante.

Perceba que as mudanças que fiz foram poucas, mas com o intuito de deixar claro para o espectador quem é o personagem e o seu azar de não ser assaltado, e ainda, no final, ser considerado assaltante. Mantive a comédia, mas ampliei o azar do personagem e a sua trajetória. Prefiro, como Greimas, informar a sua narrativa que inicia com um plano narrativo, ou seja, objetivo principal que é ser assaltado, e no final este plano narrativo muda e o assaltado passa a ser assaltante.

Outro roteiro que quero comentar na prática é "Sentimento de Menina" que participou do "I Festival de Vídeo Estudantil de Capão do

⁶ Sentimentos de menina. **Festival de Vídeo de Capão de Leão.** Disponível em: https://www.voutube.com/watch?v=cO-AWLKTxuO&t=2s

Leão". O curta é dividido em três momentos com *plot* e *subplot*. O roteiro é de Nikole Barboza Garcia. O filme apresenta:

- 1 Grupo de meninas zombando de uma aluna;
- 2 aluna triste com essa ação;
- 3 aluna no banheiro se cortando. Uma das que zombaram vai ao banheiro, vê a cena e a ajuda;
- 4 as duas viram amigas;
- 5 a garota que se cortava (*cutting*) passa a dar mole para um garoto e a amiga que a ajudou vê e fica triste;
- 6 as amigas brigam;
- 7 as amigas ficam de bem.

Perceba, então, que existem dois momentos: no primeiro o sofrimento com o *bullying* que resulta no *cutting* de uma personagem. Depois os personagens são amigos. Parece que a história acabou e ela muda o *plot* para outro problema. No curta eu senti falta de uma cena ou mais cenas que mostrem que a menina que ajudou a que sofria *bullying* estava interessada no menino. Eu colocaria mais algumas cenas, pequenas, de olhares em segundo plano do menino com a menina, existe só uma cena desse interesse e acho que ficou solta para o público. Às vezes é preciso reforçar essa ação para o público, só com uma cena não resolve. Já a segunda parte é a briga delas e no final ficam amigas. Bom roteiro, com *plot* principal e *subplot* bem definidos, e personagens com planos narrativos específicos também.



OPERAÇÃO CAMISINHA⁷

-

Operação Camisinha. Canal **Produção de Vídeo Estudantil.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XpHo1amGybY

Esse roteiro é meu, por isso desculpe se eu o elogiar muito (brincadeira), mas também é um vídeo narração e é feito com foto, por isso na edição incluímos a música como um elemento da narrativa (veja o curta e entenderá). Entretanto, o roteiro foi pensado em apresentar um *plot, subplot, plot* de virada e fechamento.

O roteiro inicia com:

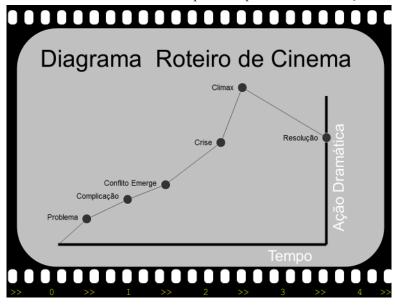
- 1 Personagem Pedro querendo namorar Cintia;
- 2 Pedro ajuda a avó de Cintia sem saber;
- 3 Cintia começa a namorar Pedro;
- 4 Cintia chama Pedro para ir à sua casa, pois vai ser a primeira noite deles;
- 5 Pedro vai comprar camisinha, encontra a mãe de Cintia na farmácia e desiste;
- 6 Pedro, triste, vai à igreja;
- 7 Pedro encontra um senhor que lhe dá a ideia de ir comprar em outra cidade;
- 8 Pedro vai à outra cidade e lá, em outra farmácia, de outra cidade, encontra o pai de Cintia e desiste de comprar preservativo;
- 9 Pedro vai à primeira noite com Cintia e a noite especial era apenas ver filmes e comer pipoca.

Parece um filme simples e as músicas que coloquei ajudam a narrar a história (Veja o filme e você vai entender). Por que a música ajuda a narrar a história?

Toda música comercial já tem uma memória afetiva e quando você utiliza a música no seu filme (o que é proibido se não tiver a licença) o espectador acessa a sua memória afetiva da música e essa memória, às vezes, atrapalha a fluidez do filme que está sendo narrado ou ajuda. Na época deste filme não era para por em rede social, então usei música comercial para ajudar na narrativa.

Perceba que no filme a apresentação do personagem faz parecer que o problema é ele namorar Cintia. Depois que Pedro consegue, o espectador vê que o problema agora é a noite especial que ele pensa que é algo ligado a uma

relação sexual. E quando vê a mãe da menina surge a representação social para quem está vendo e pensa "como comprar camisinha em uma farmácia onde trabalha a mãe da minha namorada?", o que faz o público rir da situação.



Fonte do autor

Essas ações são simples. Como mencionei, o tema irá delimitar o espaço e as ações. O público-alvo que você deseja focar limita a linguagem utilizada, já que são signos para serem decodificados. E o roteiro final vai ser o desejo do roteirista de se comunicar com esse público potencial. Porém, é o diretor quem vai criar nas imagens o que se deseja passar para o público, mas aí é outro livro.



Fonte do autor

METODOLOGIA PVE – PITCHING – NÃO ESCREVER O ROTEIRO

Como isso tudo que você aprendeu funciona na prática? Não devo escrever o roteiro?

Isso, não aconselhamos escrever o roteiro!

Josias agora foi demais, li tudo isso para nada?

Calma! Não é isso. Como professor, você precisa ter informação para além do que vai ensinar e, com isso, escolher a melhor didática dentro do seu planejamento. Então, ter o domínio de diferentes assuntos/informações é, para o professor, essencial e aconselhável.

Peço desculpas, mas sim, não recomendamos você escrever o roteiro com os alunos, pelo menos no início do processo. Claro que depende da faixa etária dos alunos e da experiência deles também. Iremos apresentar uma ação simples que pode ajudar você, professor, a criar roteiro em uma aula.

Fala sério Josias, em uma aula? Geralmente levo dois a três meses para fazer o roteiro.

Cada vez mais percebemos que o professor precisa, sim, de informação para poder organizar a sua aula na criação do audiovisual. Percebemos na prática que fazer o roteiro, com alunos do ensino fundamental, é algo demorado e difícil. Muitos professores relatavam que a média para fazer roteiro era de dois meses. Eu não entendia o motivo e achava isso muito complicado. Passei a assistir algumas aulas e percebi qual era o problema e iniciamos pesquisas de como resolver essa situação. Qual era o motivo? Para isso utilizamos a Neurociência e Semiótica para compreender o problema. Depois de algumas analises descobrimos que uma das dificuldades era a diferença entre usar o neocórtex e o sistema límbico, ou seja, a diferença entre a criação (lúdica) e o processo de pensar (raciocinar) sobre um determinado fato.

Fazer o roteiro é a parte do audiovisual mais próxima e semelhante com a educação básica, no sentido de escrever um texto. Assim quando os grupos se encontram e iniciam a escrita, o problema é a velocidade de pensamento da

criação e a velocidade de escrita. Na prática, o grupo se organiza e cria o título, por exemplo, o assassino da rua 7. A pessoa que está escrevendo começa a bloquear a criatividade, pois começa a pensar sobre a palavra assassino, se a palavra se escreve com um ou dois S ou seria com cedilha? Essas informações logicas bloqueiam a criatividade, por isso que o roteiro demora para ser feito. Esse é um dos problemas, o bloqueio criativo que o padrão escolar cobra dos alunos.

Nossa, e agora Josias! Como resolver isso então?

Depois de analisar e debater com professores e no nosso grupo de pesquisas criamos uma ação simples que chamamos de "Roteiro do Pitching".

Em primeiro lugar dívida os alunos em grupos de cinco, mais ou menos. Depois peça para os alunos pensarem em uma história bem aristotélica com início meio e fim. Neste momento eles vão usar a criatividade para criar uma história, eles vão apenas falar, sem escrever nada. Este é o segredo, pensar na história, não a escrever. Neste momento os alunos irão usar a criatividade para elaborar uma história, utilizarão o sistema límbico, a Representação Social que vivenciam e os significados (subjetivos) que cada um tem do mundo.

Depois de debaterem eles vão apresentar isso em uma exposição oral para a turma, isso se chama Pitching, apresentação oral do roteiro. Os alunos vão falar a história e debater com seus amigos. Muitas vezes neste debate os alunos modificam a história, pois muitas ações de preconceito, racismo estrutural, homofobia dentre outras ações aparecem e são debatidas por todos na sala. Recomendamos o docente a usar o celular e gravar o áudio da apresentação dos alunos. Assim no final o docente terá todo o áudio do debate gravado e os alunos terão o roteiro pronto, na verdade a escaleta com todas as ações. Para isso vão precisar apenas ouvir o áudio e transcrever. Se o título for o assassino da rua 7, o como escrever não tem problema agora, pois o transcrever é uma ação lógica não de criação.

Ações recomendadas para serem realizadas

- **1º-** Peça para os alunos criarem uma história com início, meio e fim, (sim, algo bem Aristotélico). O tempo sugerido é de 15 a 20 minutos.
- **2º** Os alunos irão fazer o *pitching,* que é falar sobre o roteiro. Perceba que quando eles falarem já terão a escaleta do filme. (O professor deve gravar o áudio desta apresentação com seu celular).
- 3º- Os alunos irão ouvir o áudio e transcrever.

Depois o professor pede para eles escreverem a escaleta, ou seja, ouvir o áudio e escrever o que vai acontecer em cada cena. É IMPORTANTE não escrever o diálogo, apenas o resumo da cena!

Ai ai ai Josias, por que isso agora?

Na prática os alunos não vão decorar o eles escreveram. Sendo assim, é mais fácil o aluno escrever o resumo da cena para que o aluno/ator possa improvisar aquela cena.

É obrigatório não escrever o diálogo?

Parece estranho? É uma das técnicas o ator conhecer o contexto do filme. Essa ação é interessante, pois o filme fica mais dinâmico e natural, sem as falas artificiais que alguns alunos têm nos filmes. Na improvisação eles vão criar o diálogo como conversa do dia a dia deles, isso ocorre no ensaio.

Os atores/alunos precisam compreender o que está acontecendo em cada cena, o dialogo surge da necessidade da cena. Isso são dicas que você vai utilizar ou modificar conforme a sua realidade.

Achou diferente essa ação, professor? Sim, na prática isso acontece e funciona. Como já mencionado, a escrita é um processo mais lento e, dependendo do ano em que o aluno está, pode ser um obstáculo para a sua criatividade. Tente, professor, liberte-se do tudo certinho como aprendeu na licenciatura, o cinema trabalha com o CAOS CRIATIVO, com o Mafuá como

defendeu (Migliori, 2015). Respire fundo e deixe o aluno ter o seu protagonismo educacional, que vai comunicar diretamente com as Metodologias Ativas e podemos aliar isso tudo a BNCC. O aluno ser protagonista do seu aprendizado. Na Metodologia PVE é o momento do aluno ter voz, apresentar seu sonho, seu mundo. O que aprendeu e internalizou da vida.

Capítulo 3

NEUROCIÊNCIA E PRODUÇÃO DE VÍDEO

Aqui vou apresentar a neurociência e a produção de vídeo, por ser uma das minhas palestras mais pedidas entre os professores, e por achar que deve ser uma das teorias utilizadas e debatidas, pois com ela percebemos a riqueza da produção de vídeo estudantil. Na década de 1990 o governo americano investiu em pesquisas sobre a neurociência, era a forma de entender mais sobre o cérebro e a maneira como pensamos e criamos memória. Longe da academia, o autor mais conhecido pela sociedade é Gardner (1995) e sua teoria das múltiplas inteligências que, posteriormente em outros livros, ampliou os tipos de inteligência e depois desistiu de numerá-las. O importante desse debate é compreender como aprendemos não de uma única forma, mas de várias.

Infelizmente muitos cursos de Pedagogia ignoram a neurociência e continuam idolatrando Piaget (2010) e Vigostsky (2009). Então vamos fazer um paralelo sobre esses autores e a neurociência, e finalizar com a produção de vídeo. Parece confuso? Vamos com calma e passo a passo, espero poder ajudar.

Inicio o meu raciocínio falando sobre Piaget - pesquisador e biólogo que se dedicou, desde o início dos anos 1920, aos estudos da psicologia e do desenvolvimento. O autor defendia que o desenvolvimento cognitivo está ligado à maturação biológica. Para ele, passamos por alguns estágios que permitem certas habilidades e comportamentos. Tais habilidades geram comportamentos através de uma organização mental que o autor vai denominar de "esquemas", utilizados para decodificar e compreender o

mundo. Assim sendo, o aprendizado ocorre quando existe um desequilíbrio entre os esquemas e a representação desse mundo que obriga o sujeito a criar uma assimilação e acomodação de um novo esquema apresentado à sua estrutura mental. Assimilo e acomodo a informação. Piaget vai defender essa ação do desenvolvimento cognitivo sendo uma teoria de etapas pelas quais os seres humanos passam em função de seu desenvolvimento biológico.

Vygotsky. O Russo, em suas pesquisas, procurou estudar o desenvolvimento humano e os métodos empregados pela psicologia russa das décadas de 1920 e 1930. Desenvolveu a teoria sociocultural do desenvolvimento cognitivo, que está ligada aos signos que essa sociedade apresenta. Não podemos deixar de destacar a influência marxista em seus estudos. O que nos chama atenção nas pesquisas de Vygotsky é que, para o autor, o sujeito (como nos tornamos sujeitos) é produto de determinações sociais, porém o importante é que essa ação se realiza de fora para dentro, ou seja, é resultado da interiorização da cultura em que o sujeito vive na sociedade, signos socialmente postos. Sendo assim, é fruto de um entrelaçamento biológico e social. Como internalizo essa sociedade que vivencio? A diferença com Piaget é que para Vygotsky a interação social é fonte primária da cognição e do comportamento humano. Para o autor são as estruturas sociais (incluindo nelas toda relação social) que levam ao desenvolvimento das funções mentais, até em função de sua realidade dentro de um país comunista.

Perceba, prezado professor, que esses autores, de certa forma, falam do processo mental e de sua ligação com o externo. Porém, como isso se processa de forma interna? Vygostsky apresentou algumas teorias, dentre elas a das três áreas. Segundo José Meciano Filho - professor do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas e da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp - essas áreas de cognição identificam e criam ações para o sujeito agir. O exemplo do professor é o de um aluno fugindo de um cachorro quando vê um portão e depois do portão uma escada encostada na árvore. Para ele, a área primária identifica os objetos, já a área secundária, além de

observar os objetos e decodificá-los, cria a ação cognitiva para elas. Então o sujeito foge, sobe a escada e fica na árvore, pois em seu raciocínio o cachorro não vai subir a escada. Infelizmente para o docente a maioria dos nossos alunos fica na área primaria, só identifica sem fazer a correlação com o objeto.

Defendemos que produzir vídeo possibilita ao aluno a interação com a tecnologia, passando por várias etapas que podem contribuir no processo de aprendizagem. Como isso ocorre?



PRODUÇÃO DE VÍDEO

Segundo Ferrés (2000), a escola trabalha com o racional e não com o emocional, e a produção de vídeo pode ser o espaço para que o racional e o emocional trabalhem em concomitância.

Na produção de vídeo estudantil o roteiro deve ser o guia. O roteiro nada mais é do que a forma escrita de uma obra audiovisual em que estão contidas as ações que serão realizadas pela equipe, como um guia para todos. Nesse ponto a neurociência pode ajudar a compreender o motivo que nos leva a gostar de criar. A criação de um roteiro, de uma história com início, meio e fim, não se dá pela parte lógica do pensamento, ou seja, organização de ações, mas pelos hemisférios que capta as vibrações do espaço e cria de forma geral. Parece que o que falo não é científico, correto? Mas, segundo pesquisas do médico e neurocientista dr. Sergio Felipe de Oliveira, que estuda a glândula pineal, a mesma passa a funcionar como um cristal (que recebe e envia energia: eletromagnetismo) e está ligada aos olhos, ou seja, tudo o que vemos passa pela glândula que recebe a luz e a transforma em vibração eletromagnética, e essa informação passa para o hipocampo. Para quem não

lembra ou não sabe, o hipocampo está ligado ao cérebro límbico, usando a teoria do cérebro trino de Paul Mclean, que divide o cérebro em três partes de desenvolvimento:

- 1 Cérebro reptiliano;
- 2 Cérebro paleomamífero;
 - 3 Cérebro neocórtex.

O reptiliano está ligado à automação do sistema vegetativo, comum aos répteis. Já o segundo, ligado aos mamíferos — onde entra o sistema de defesa e nele se encontra o sistema límbico. Mas o que é o sistema límbico, afinal? Ele é basicamente o responsável por controlar as emoções e as funções de aprendizado e da memória. Por fim, o cérebro neocórtex é justamente a parte que nos faz pensar e analisar as ações que realizamos. A pineal, então, está ligada à parte que é inconsciente, ou seja, não temos conhecimento racional de suas ações, apenas sentimos a sua resposta ao ambiente. Como? Já foi a um lugar e se sentiu mal, querendo sair daquele espaço? Pode ser a vibração da pineal. Já viu uma pessoa e, do nada, ou você gosta dela ou não gosta, mesmo que ela não tenha feito nada para você? Pode ser uma resposta inconsciente da pineal. Lembra quando você queria encontrar uma pessoa e, de repente, você a encontra sem querer? Pode ser a vibração na pineal, dentre outras explicações. Ainda acha estranho? Afinal qual a função da pineal?

A glândula pineal produz a melatonina que ajuda na regulagem do sono. O filósofo francês René Descartes defendia que a pineal é o que liga o ser humano a DEUS. Assim, a glândula ficou ligada à espiritualidade. Na China se defende o terceiro olho, localizado no meio da testa, e, por coincidência ou não, é onde fica a glândula pineal.

Não quero entrar no mérito religioso, mas apenas apresentar que a pineal tem ligação com o sistema límbico (ligado ao prazer e à memória de longo prazo) e com o lobo occipital (lobo da visão). A glândula recebe as energias do sol e alguns defendem que seu funcionamento é como um cristal:

recebe ondas eletromagnéticas e as transforma em sinais para o corpo que vão se comunicar com partes como o sistema límbico e, dentro dele, o hipocampo. Você deve se lembrar que os antigos tinham uma ação de tomar sol para diminuir as doenças, essa ação era usada antigamente, mesmo que de forma inconsciente, para ativar a pineal e hoje se discute sua ajuda na imunidade do corpo.

Segundo alguns pesquisadores de energia⁴, as taxas de frequência de um corpo humano saudável têm entre 62 e 78 MHz, qualquer taxa de frequência abaixo de 62 MHz deixará o corpo humano vulnerável a doenças e enfermidades, e essa frequência é melhorada com a luz do sol na pineal. Assim, essa glândula teria a função de captar energias e estaria ligada ao inconsciente coletivo, e ajudaria na criação de roteiros. Claro, aqui é uma divagação minha dentro da análise da pineal, de Platão e o mundo das ideias. Eu sei que tudo parece confuso, mas é como as ondas eletromagnéticas: não a vemos, apenas sentimos a sua ação; como na telefonia, rádio, televisão, telefone celular, rádio AM, FM.

Essa é a criação lógica de um roteiro, mas existe outra que irei abordar no final do capítulo quando formos aprofundar essa questão de criação dentro das normas do roteiro técnico.

Agora, vamos para a prática da produção de roteiro de um vídeo estudantil? É! E não fique feliz, não. Tem teoria também, viu?

Capítulo 4

Preparando A Turma Para A Elaboração Do Roteiro

Uma das principais etapas da elaboração de um roteiro é a das ideias. Ter uma boa ideia não garante um bom roteiro, mas é um primeiro passo importante e o professor deve dedicar uma atenção maior a essa etapa. Com uma boa ideia a chance de se chegar a um bom roteiro é grande. Por outro lado, partindo-se de uma ideia não tão boa, será bem mais difícil chegar a um bom roteiro.

Para o aluno, essa talvez seja a etapa mais difícil. Ter uma ideia "do nada", como eles costumam dizer, é uma tarefa muito complexa, ainda mais em uma turma que vivencia essa experiência pela primeira vez. É preciso deixar o aluno à vontade e dar a ele elementos referenciais que possam ajudálo nesse processo.

Num primeiro momento, exibir vídeos de filmes realizados por jovens de outras turmas ou de outras escolas pode ajudar a clarear as ideias. No site da produção de vídeo estudantil tem vários vídeos de outras escolas⁵, onde os alunos podem assistir e aprender um pouco sobre a linguagem.

Pela falta de experiência, o aluno precisa entender por onde começar e até onde pode chegar. Procure exibir filmes com diferentes temáticas, linguagens, estéticas, narrativas, etc. Algumas escolas têm cineclube, que é uma iniciativa que recomendamos.

Após a exibição, uma boa conversa com a turma, analisando os filmes e elencando com o que eles mais se identificaram, pode sugerir o perfil que a

turma mais se interessa, mas é preciso estar atento, pois muitas vezes os alunos tendem a gostar mais de histórias recheadas de clichês, histórias de terror e com referências de filmes "enlatados" americanos. Cuidado com isso!

Lembro-me de um curta que foi realizado em Pelotas chamado "Funéreo" em que um menino estava fora do padrão estético, com a ajuda de uma menina fica "bonitão" e então a menina pela qual estava apaixonado fica a fim dele, porém ele prefere ficar com a menina que o ajudou a se sentir bem. Exibimos esse curta para algumas escolas no ano seguinte e... tivemos pelo menos dois curtas parecidos com a temática do Funéreo! Então cuidado, pois se inspirar é uma coisa copiar é outra.

Esses temas podem ser válidos para um primeiro vídeo, mas é importante argumentar e questioná-los sobre o porquê de terem se identificado mais com esses filmes, e sinalizar para outras possibilidades não tão óbvias.

Vale lembrar que um roteiro pode ser original ou adaptado de alguma obra já existente. Um filme, um livro ou até mesmo uma história familiar pode ser o ponto de partida para uma ideia de um roteiro. Às vezes, partir da ideia de um filme ou livro já existente, trazendo-a para o universo escolar, pode mudar radicalmente sua estrutura e conferir à história outra cara.

Um bom exemplo disso são as inúmeras adaptações cinematográficas da peça de Shakespeare "Romeu e Julieta". Vários filmes partiram da mais famosa obra do bardo para recriar a história dos amantes de Verona:

Título	ANO DE PRODUÇÃO	Direção	CASAL PRINCIPAL	Sinopse
"AMOR SUBLIME AMOR"	1961	Robert Wise	Richard Beymer e Natalie Wood	Anos 50, nos Estados Unidos, Tony, antigo líder da gangue de brancos anglo-saxônicos chamados de Jets, apaixonado por Maria, irmã do líder da gangue rival, os Sharks, formada por imigrantes porto- riquenhos.
O REI LEÃO 2: O REINO DE SIMBA	1998	Darrell Rooney Rob LaDuca	Kovu e Kiara	Kiara é filha de Simba e Kovu anda com o bando de exilados de Scar, inimigo de Simba.
O CASAMENTO DE ROMEU E JULIETA	2005	Bruno Barreto	Marco Ricca e Luana Piovani	Julieta a filha de um palmeirense fanático se apaixona pelo líder de uma torcida organizada do Corinthians.
Maré – a nossa história de amor	2008	Lúcia Murat	Vinicius D'Black e Cristina Lago	Analídia e Jonatha são dois jovens moradores da favela carioca da Maré. Eles querem ser bailarinos e se encontram numa ONG que ensina dança para comunidades carentes. O problema é que moram em áreas dominadas por facções rivais de traficantes.

Sem falar no contemporâneo "Romeo + Juliet", 1996, de Baz Luhrmann, com Leonardo di Caprio e Claire Danes, e nas versões mais clássicas como as de George Cukor, 1936; Renato Castellani, 1954; Peter Ustinov, 1961; e o clássico de Franco Zeffirelli, 1968.

Imagine uma versão de Romeu e Julieta, nos dias de hoje, que se passe numa escola pública, numa cidade do interior do Brasil? Pode dar um bom vídeo, não é? Mas é claro que cada escola, tentando trazer Romeu e Julieta para o universo onde seus alunos estão inseridos, vai propiciar diferentes maneiras e estilos de contar essa mesma história. Uma escola numa zona rural de uma cidade pequena tem uma realidade cotidiana bem diferente de uma escola na periferia de São Paulo, ou de uma favela do Rio de Janeiro onde haja intensos conflitos entre polícia e traficantes. Com certeza teremos diferentes olhares sobre o mesmo tema.

Já para um roteiro original, é importante fazer alguns combinados, para que as ideias trazidas por eles estejam dentro de uma possibilidade concreta de realização.

Outro ponto que deve ser pensado quando se escreve um roteiro de vídeo estudantil é se essa história tem possibilidades **REAIS** de ser gravada. Certa vez, um aluno trouxe para a aula uma ideia que apresentou empolgado: "Pensei num filme sobre um grupo de adolescentes que está fazendo uma viagem e o avião é sequestrado". Poderia render uma boa história, mas como realizar um filme que se passa praticamente todo dentro de um avião? Como mostrar o avião de forma crível, para que o espectador se envolva e "mergulhe" junto na história? Existem alternativas para a realização de um vídeo com este pano de fundo, mas não seria melhor investir o tempo, que na maioria das vezes já é apertado, para produzir uma história menos complexa em termos de produção?

Histórias que se passem à noite, realizadas em escolas com aulas pela manhã ou à tarde também podem ser um complicador, pois limitam na hora

de gravar as cenas externas. O importante é estimular os alunos para que possam ser os mais originais possíveis em suas ideias e a partir disso explorálas para construir um bom roteiro.



APRESENTANDO AS IDEIAS PARA OS ROTEIROS

Uma boa atividade para começar este processo é pedir que os alunos pensem em algumas histórias e tragam na próxima aula preparando a turma para um pequeno *brainstorm* (chuva de ideias, em que cada um pode falar um pouco e ajudar na ideia apresentada), e todos trarão ideias pensadas, sem a necessidade de estarem escritas, e apresentarão no grupo para que sejam discutidas. Este processo funciona muito bem em situações em que professor não dispõe de muito tempo com a turma e precisa acelerar cada etapa da realização. E já pensando na neurociência (o Josias sempre fala dela), é um espaço que valoriza o hemisfério mais criativo, o direito.

Em situações em que o professor realizará um processo de médio em longo prazo para a criação do vídeo, pode-se explorar melhor essa maneira de trabalho. Ao invés de pedir que os alunos tragam (na semana seguinte) a ideia na cabeça apenas, peça a eles que escrevam a ideia em cinco linhas. Esta ideia escrita em um pequeno parágrafo ou uma frase mais longa é conhecida no cinema como *Storyline*.

A ideia também pode ser apresentada pela descrição dos três elementos da história - protagonista objetivo e obstáculo – da forma mais sintética e atrativa possível, sendo chamada neste caso de *Logline*.

Cada aluno deve trazer pelo menos uma ideia em forma de *Logline* ou *Storyline*, tanto faz. O importante é que ele traga sua inspiração para ser apresentada de forma bem reduzida (não vamos nos prender aos termos cinematográficos, chamaremos apenas de ideia).

Você também pode dividir a turma em duplas ou em pequenos grupos para que pensem juntos na concepção. Mas mantenha a proposta de pelo menos um ponto de vista por aluno, ou seja, um mínimo de duas propostas por duplas, três para trios e assim por diante. Pode parecer muito, mas não é, pois mais da metade das opiniões será descartada de imediato. Lembre-se que vocês estão atrás de objetivos realmente bons para assim ter um bom roteiro. Seja exigente, porque eles são capazes, acredite.

Algumas dicas podem ser dadas aos alunos ao pedir que pensem nas ideias:

Pense numa história que você gostaria de assistir no cinema.

Pense que sua história pode girar em torno de um personagem principal. Quem é ele?

O que acontece com seu personagem principal após o início do filme que vai prender a atenção do espectador?

Aonde sua história vai se passar?

Seja breve e objetivo: tente não escrever mais de cinco linhas.

Imagine que a turma é seu cliente e você está tentando vender sua história para ele, conquiste-o.

Cada aluno lê sua história e depois toda a turma avalia as possibilidades de realização dela, tentando perceber: se a história está interessante, se atende ao público-alvo, se é de fácil realização, se pode ser realizada dentro do cronograma de tempo previsto, etc. Ao final, pode-se escolher as três, quatro ou cinco melhores e partir para a segunda etapa.

Certa vez, em uma turma de oitavo ano de uma escola municipal no Rio, os alunos trouxeram um total de 53 ideias para serem lidas. Foram três semanas só lendo as ideias escritas. Uma sugestão que ajudou muito e pode ajudar você: tente registrar em vídeo, com um aluno gravando cada leitura das ideias. Como eram muitas e tendo gravado todas elas, a turma pôde facilmente acessar os vídeos e relembrar uma ou mais ideias trazidas. Pode acontecer de duas ou mais ideias serem parecidas. Se mais de uma delas for boa, as histórias podem ser mescladas em uma só.

E se nenhuma história for boa o suficiente para se transformar num roteiro? Isso é até comum em turmas muito jovens e em sua primeira experiência na produção de vídeo. Faça o papel do contra e, durante o debate sobre as histórias, questione, provoque, estimule-os a eliminarem as ideias fracas, ou pelo menos guardá-las para revisitá-las mais para frente.

Esse é um momento muito interessante do processo de produção de vídeo de forma coletiva. Começando pela argumentação em torno das ideias, passando pelo difícil momento do desapego. Não é muito simples para o aluno perceber que sua ideia não agradou ao grupo.

Em seu livro "Da Criação ao Roteiro: Teoria e Prática", Doc Comparato (2000) diz: "Não se deve menosprezar uma ideia mesmo que pareça totalmente estúpida". De fato, uma ideia ruim pode sugerir algo que se transformará em um excelente roteiro. Mas isso talvez se aplique melhor para um roteirista que tem uma ideia não tão boa e lá na frente possa repensá-la e criar algo genial. No trabalho de criação coletiva em uma sala de aula, essa frase de Comparato pode ser aplicada, mas precisamos filtrar as ideias para que o processo ande e não atrapalhe o cronograma. Então, desapega e bola para frente!

Podem e devem surgir ideias para filmes documentários e não de ficção. Um pouco mais a frente vamos falar sobre a construção de roteiros de

Josias Pereira e Cláudio Garcia

documentários, por enquanto vamos seguir falando sobre as ideias para vídeos de ficção.

Depois de escolher as melhores ideias é hora de avançar. A ideia que estava em cinco linhas agora precisa ser reescrita em forma de argumento.

Capítulo 5

ESCREVENDO O ARGUMENTO DE UM FILME DE FIÇÃO.

Existem muitas divergências sobre o que é o argumento. Numa pesquisa rápida na internet, você perceberá que autores têm visões diferentes:

"O registro da ideia inicial de um filme feito em um breve documento escrito é o que chamamos de argumento do filme. Para os longas-metragens que assistimos, normalmente são utilizadas de duas a quatro páginas para indicar as linhas gerais da história que será tratada: o que acontece, o porquê e quem são os personagens. Este documento é que, mais tarde, dá origem ao roteiro do filme".

"Argumento – é uma sinopse mais longa e envolvente, que se lê quase como um conto. Pode ter entre cinco e 30 páginas".

"De forma que, na matemágica de Hollywood, cada página de um argumento representa dez páginas do futuro roteiro. Claro que, como o argumento não tem uma estrutura rigidamente definida como o roteiro, esta medida pode variar muito de um argumentista para o outro".

Muitas vezes a sinopse e o argumento são facilmente confundidos. Em alguns casos sinopse e *storyline* também são tratados como se fossem a mesma coisa. E quando falamos de vídeos estudantis a confusão pode aumentar, pois geralmente esses autores se referem a argumentos de longasmetragens. Como vamos falar de filmes de **curta e média-metragens** (média de três a 15 minutos), pois são os mais comuns em escolas - o argumento que vamos pedir aos alunos terá um tamanho diferenciado do de um filme longo.

A **sinopse** geralmente é um resumo um pouco menor do que o **argumento**, que deve ser mais detalhado. Para facilitar nosso trabalho com os

alunos, vamos chamar esta etapa de "escrita do argumento", sem muita rigidez em relação a ser uma sinopse ou argumento de fato.

Nesta etapa, a ideia precisa ser escrita para criar encanto e entusiasmo apresentando mais detalhes, trazendo informações sobre os elementos básicos: os personagens, o pano de fundo, apresentação do problema/conflito que envolve o personagem principal, as mudanças e riscos que o protagonista passa a vivenciar a partir do estabelecimento deste problema e a resolução dele, para o bem ou para o mal.

Peça aos alunos que escrevam, individualmente ou em grupo, uma redação, em terceira pessoa, apresentando a história em três atos:

1 - Apresentação dos personagens;
2 - surgimento do problema e seu desenrolar;
3 - resolução do problema.

O primeiro ato precisa revelar ao público quem são estes personagens e onde se relacionam de forma bem breve, até a apresentação do problema que estabelecerá o primeiro ponto de virada da história (peripécia de Aristóteles). Este ato, em termos de tempo, pode ser equivalente a 20 ou 30 por cento da história.

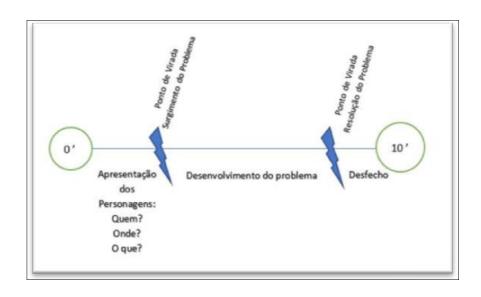
No segundo ato, a história se desenvolve mais e o protagonista passa a vivenciar novas experiências, corre riscos, vai se colocando em uma situação cada vez mais intensa até chegar ao clímax em que precisa resolver o problema. Este ato tem duração de 50 a 60 por cento da história.

No terceiro e último ato, a história se resolve e acompanhamos o desfecho dos personagens. Pode durar entre dez e 20 por cento da trama.

É claro que a história pode ter mais atos, ou mais pontos de virada, mas seguindo esta estrutura pode-se alcançar um resultado bastante interessante.

Não há limite de tempo para vídeos estudantis, mas é importante tentar estabelecer uma meta ou limite, até para conseguir concluir o trabalho com tranquilidade. Quanto maior o roteiro, maior o tempo de gravação, maior o tempo de edição. Ainda não é necessário pensar em quanto tempo o filme terá, estamos ainda na etapa de construção do argumento, mas se você já tiver uma meta de tempo pode apresentar aos alunos.

Dez minutos é um tempo considerável e pode ser um bom ponto de partida. Ao pedir o argumento, experimente colocar uma linha de tempo simples no quadro, que pode ajudá-los a pensar melhor no desenvolvimento da história.



Este pequeno "esqueleto" pode servir para elaboração de qualquer roteiro de ficção. Os alunos não precisam se preocupar com as "falas" dos personagens, ainda. É importante tentar colocar no argumento o maior

número de informações que ajude a turma a embarcar na história, quando esta for lida para o grupo. Ao final da leitura, vale fazer algumas perguntas ao grupo:

1 -	A história está clara?			
2 -	O problema é forte o suficiente para prender a atenção dos espectadores durante todo o filme?			
3 -	O final está muito óbvio ou previsível?			
4 -	Vocês pagariam pra ver um filme com essa história?			
5 -	Esta história pode ser mais bem explorada?			
6 -	Podemos mudar algo nela que a torne mais interessante?			
7 -	Acham que teremos algum problema para gravar este vídeo?			

O objetivo aqui é colocar a turma para pensar mais profundamente sobre o argumento apresentado, tentando decidir, em conjunto, qual dos argumentos apresentados pode render um filme melhor. Explore todas as possibilidades. Avalie prós e contras para realização de todas as histórias. Tente estimar o número de personagens envolvidos em cada uma das histórias e tente pensar no elenco disponível para este vídeo. São muitos personagens para poucos atores? Ou são poucos personagens para um grupo grande de alunos querendo atuar? É claro que durante as próximas etapas ainda podem e devem surgir novos personagens que ajudarão a contar a história, por isso é importante verificar agora qual o potencial de desenvolvimento de cada história. Roteiro com festas sempre precisa de um número grande de figurantes que na hora da gravação não aparece. Pensar em resolver isso também.

Certa vez, um grupo apresentou um argumento muito bom, cuja história tinha como personagem principal uma menina de 13 anos, porém os demais personagens envolvidos eram todos adultos, com pouco espaço na história para novos personagens adolescentes. Numa situação assim, é preciso conversar com a turma para decidir se o estilo que vai adotar no filme permite que adolescentes façam personagens adultos ou não. No grupo cujo esta situação aconteceu, o combinado era que adolescentes fariam papéis de adolescentes e adultos fariam papéis de adultos, que nesse caso seriam

desempenhados por professores da escola ou pais dos alunos. Defendemos que adolescentes não façam papel de adulto, pois quando exibido para outras pessoas fica com cara de amador. Não há nenhum problema em adolescentes fazerem papéis de adultos, mas diferentemente do teatro, onde geralmente já utilizamos a imaginação para ajudar na composição de cenários e figurinos, no cinema dificilmente este recurso é utilizado, pois a linguagem pede a realidade do que está sendo exibido.

Ao contrário, com as novas tecnologias de computação gráfica, os cenários e efeitos especiais estão cada vez mais realistas. Eis uma boa oportunidade de apresentar novas maneiras de se realizar um filme. O filme "Dogville" (2003) de Lars Von Trier traz uma proposta original estética para contar uma história. O cenário é como uma planta baixa da cidade, onde vemos marcas no chão indicando locais, ruas e outras informações sobre ele. No *YouTube* você pode encontrar facilmente cenas do filme para exibir e conversar sobre.



Cena de "Dogville"

Voltando a falar dos argumentos apresentados, depois de explorar bem todas as possibilidades propostas, é hora de escolher uma ou mais histórias para dar sequência ao trabalho. Com a ideia escolhida, é hora de começar a estruturar o roteiro.

CRIANDO A ESTRUTURA DO ROTEIRO.

Esse é o momento onde vamos dividir a história em cenas. Esta divisão pode ser chamada de "estrutura" ou "escaleta", neste espaço não existe diálogo, apenas a divisão por locação/cena. No cinema, costuma-se dividir a história em sequências, cuja sequência seria um conjunto de cenas interligadas pela mesma ideia. Eu procuro trabalhar chamando de divisão de cenas mesmo. Já tentei algumas vezes usar a ideia de sequências, mas observei que dava mais trabalho, pois dentro de uma sequência poderia ter algumas cenas, o que acabava embolando o processo.

Mas como saber quando a cena muda? Basicamente quando há uma mudança de espaço ou tempo e em vídeo estudantil é mais simples ainda: mudou a locação? É uma cena.

Cada cena deve vir precedida pelo cabeçalho, que é onde está registrado o local e o tempo onde ela acontece. No cabeçalho devemos colocar se a cena é Interior ou Exterior, se é Dia ou Noite e em onde acontece:

1 - INTERIOR - SALA DE AULA - DIA.

Você não precisa escrever **INTERIOR** ou **EXTERIOR**, pode abreviar para **INT. e EXT.**

Quando há a mudança do local ou do tempo começamos uma nova cena e um novo cabeçalho:

2 - EXT. - QUADRA DA ESCOLA - DIA

OU

2 - INT. - SALA DE AULA - NOITE

Além de colocar o cabeçalho, é preciso descrever o que acontece na cena com uma ou duas frases, apenas:

1 - INT. - SALA DE AULA - DIA

Pedro e Antônio conversam sobre a festa de formatura. Pedro diz que está apaixonado por Paulinha.

2 - EXT. - QUADRA DA ESCOLA - DIA

Pedro jogando bola no recreio e de repente vê Paulinha abraçada com Guto. Ele chuta a bola em Guto que parte para cima dele começando uma briga.

E assim vamos dividindo nossa história até o fim. Mas vamos com calma. Não é só pegar o argumento e dividir. Os alunos devem - coletivamente - ler e conversar sobre cada trecho do argumento e como podem dividir as cenas de maneira que a história possa ser entendida ao final da estruturação.

Paralelamente, quando os personagens forem surgindo, uma lista com as características principais de cada um deles deve ser preparada. Esta lista pode conter informações sobre em que cenas os personagens aparecem e qual a ligação com os outros personagens da trama. Outros personagens menores podem e devem surgir na próxima etapa, quando estiverem escrevendo as falas.

Escaleta pronta, reúna o grupo para uma leitura e peça para comentar ao final, propondo alterações que possam deixar a ideia mais clara, se necessário. Isto feito é hora de começar a escrever o roteiro detalhado.

Bem professor, você deve estar pensando: "até que enfim chegou a hora de escrever o roteiro!", mas toda essa base é para você poder adaptar à sua realidade com seus alunos, ok?

Costumo realizar esta etapa de duas maneiras, de acordo com o tempo que cada turma tem para realização do vídeo.

Em turmas com o tempo mais apertado, lemos cada cena da escaleta, conversamos sobre quais falas cada personagem pode dizer e um ou dois alunos ficam encarregados de escrever a partir das ideias dadas pelo grupo. Se a turma for muito grande, esta tarefa não será muito simples, pode ser que muitos queiram sugerir frases diferentes para cada personagem, e isto é ótimo, pior seria se quase ninguém quisesse contribuir. Mas pode dividir a turma em grupos e cada grupo ficar responsável por alguns blocos de cenas. Sugiro essa parte ser feita em grupo, mas sem fugir do que está na escaleta, que apresenta o resumo da ideia que deve ser trabalhada.

Em turmas com mais tempo, como acontece em algumas que trabalho, onde a etapa de criação do roteiro dura um bimestre, lemos uma cena da escaleta e escolhemos alguns alunos para fazerem uma improvisação das falas para a cena. Parte do grupo que não estiver na cena se coloca como plateia e ao final avalia a improvisação, decidindo se foi bom o suficiente ou se precisa ser refeita. Pode ser que repita a cena por 2, 3, 4 vezes.

A esta altura do processo, seria bom que os interessados em atuar, em operar câmera, dirigir e até escrever, já estejam escolhidos. Peça aos alunos cinegrafistas ou diretores de fotografia que gravem as cenas improvisadas, para revê-las na hora de escrever as falas. Procure alternar os alunos em diferentes personagens, pois esta é uma excelente oportunidade de observar quais se encaixam melhor em cada um.

Durante este processo, podem surgir novas ideias que alterem a escaleta. Também é comum que as características dos personagens possam se

definir melhor. E o processo é assim mesmo, o roteiro não finaliza a obra, é o seu início.

Não se esqueça de que o roteiro funciona como um manual para o que deve ser gravado e de que maneira. É importante, além do cabeçalho e das falas, terem uma ação bem explicada sobre ações das personagens. Um bom teste é pedir aos alunos que tentem visualizar uma pessoa de fora do processo lendo o roteiro. Ela precisa entender tudo o que acontece.

Ao final da escrita do roteiro, é hora de *decupar* o roteiro, separando cada local necessário para a gravação, a quantidade de dias em que a história se passa, a quantidade de roupas e objetos usados por cada personagem e estimar quantos dias serão necessários para a gravação de tudo. Isso deve ser apresentado com calma no próximo livro da dupla de autores.

E agora vem a parte mais divertida: a gravação. Tudo pronto? Então luz, câmera e ação!

Mas antes vamos à segunda parte da neurociência e produção de roteiros... Calma! Teoria faz bem para alma...

Capítulo 6

CRIANDO ROTEIROS NA PRÁTICA.

"As pessoas esqueceram como contar uma história. As histórias não têm mais um meio ou um final. Elas normalmente têm um início que nunca para de começar."

Steven Spielberg

Spielberg fala de roteiros ligados ao pós-dramático, uma ação que se repete nos cinemas contemporâneos, em que o filme começa e a ideia do herói dramático se perde para uma realidade diferente do que Campell e Propp anunciaram. Aqui preferimos aprofundar a ideia da jornada do herói, pois ela funciona dentro de uma realidade escolar. Como já informamos, o roteiro é a alma de uma obra audiovisual, mas não necessariamente a única forma de criá-la. Parece estranho, então vamos analisar essa frase. Mostramos, até aqui, o desenvolvimento do roteiro com base na escrita, porém podemos dar ênfase à outra parte que é utilizar a propensão à fala e não à escrita, usar o inconsciente e não o consciente para criar. Parece confuso, mas, calma, estou tentando explicar! Então vamos introduzir a neurociência para poder entender essa ação sob outra ótica. Uma ressalva: não estamos falando qual o melhor método, mas sim apresentando a você, professor, uma forma alternativa de trabalhar com os alunos. Você os conhece e saberá qual o melhor método a ser usado. Apresentamos o da escrita e agora o da não escrita, perceba as diferenças, pois pode ser que essa diferença seja interessante porque há alunos que têm resistência para escrever o roteiro, que é a parte mais lógica do processo audiovisual, mas próximo da escola. Por isso, apresentaremos outra ação, que já foi brevemente descrita acima, mas aqui quero aprofundar porque é algo importante e percebemos que o roteiro é o divisor de águas entre o fazer e o não fazer um vídeo estudantil.

Vamos tentar!

A primeira coisa que devemos ter em mente é que o roteiro é a base de qualquer obra audiovisual. Como comentamos, não se filma o roteiro como se fosse um passo a passo, roteiro é um guia. Na prática, o roteiro hoje é visto como uma base, pois com a visão do ator, diretor e equipe o roteiro vai ter algumas mudanças, sempre tem. Pergunte para quem já gravou um vídeo e verá que do roteiro até a exibição muita coisa mudou, e que bom isso fazer parte do pós-estruturalismo. Quando falo em mudanças não significa realizar outro roteiro, a base não muda, mas alguns detalhes sim: falas, ações, que na prática da direção precisam ser feitas para melhorar o signo (filme). Por exemplo, o personagem A descobre que foi traído e está frente a frente com a futura ex-esposa...

– Oi tudo bem, estava com saudades de você. É... Só queria dizer isso. Tchau.

Outra forma de fazer a mesma cena

O personagem diz isso para uma ex-namorada. Na prática o ator pode olhar para a menina, sorrir sem graça, chegar perto dela, parar, sorrir e sair sem nada dizer.

Perceba que a mensagem já foi dita para o espectador apenas com ações não verbais. Uma ação que você, professor, deve pensar é que o audiovisual é mais imagem do que fala. Na verdade, a fala é o guia para o público entender, mas ao mesmo tempo afasta o público do sentir o que está acontecendo. Já quando você apenas demonstra através de imagens, o público fica a pensar sobre aquela ação, tenta criar junto o visto. Isso acontece, pois, segundo a neurociência, o nosso cérebro é divido em dois hemisférios, esquerdo e direito, sendo que as questões mais lógicas ficam com o hemisfério esquerdo, assim a fala do personagem é uma ação lógica, você ouve,

decodifica e entende pela lógica o que foi dito, pois é concreto. Então não há sentimentos envolvidos, só compreensão lógica. Claro que, dependendo de como o ator faz a entonação, cria-se a emoção. Já a questão emocional fica a cargo do hemisfério direito, por isso que em uma ação, quando apresentamos apenas uma imagem sem diálogo (ação não verbal), a memória e a imaginação do público ficam mais ativadas para compreender o que se vê, pensando no que vai acontecer com aquela ação, interpretando junto, vivenciando, usando a imaginação e, para isso, é necessário a ação da memória de longo prazo que está associada ao hipocampo. Por isso, a imagem é mais forte que a palavra no cinema, pois estimula a imaginação e o sentimento que estão localizados no sistema límbico.

Então a primeira coisa é você, professor, relaxar e saber que o importante é como o aluno vai trabalhar o tema do curta, ou seja, como vai desenvolver.

Na prática do audiovisual, com o tema escolhido, pensamos com qual público-alvo desejamos nos comunicar, pois, dependendo do público, modifico as ações dos personagens e a forma de falar. Achou confuso? Vamos aos detalhes: Imagine que vou fazer um comercial sobre HIV para idosos. O tipo de fala e as ações do personagem têm que ter características dessa idade. Certo. Se o comercial for para adolescente já modifica a ação do personagem e a tecnologia ligada a essa idade. Essa diferença que chamamos de conhecer os **SIGNOS** é que o seu público-alvo conhece e se apropria deles para uma melhor comunicação. Como vídeo estudantil é, geralmente, para o público-alvo de outros estudantes fica mais fácil. Por isso, professor, quando você interfere na história (roteiro), eles (alunos) não gostam, pois você não é o público-alvo e sim outros alunos da mesma faixa etária deles. A função do docente nesse caso é analisar para ver se o roteiro não está ofendendo nenhum grupo social, religioso, étnico ou a comunidade escolar. Deixe o tema livre para eles criarem.

Como exemplo, darei o tema do roteiro "A Prova" dos alunos da escola Municipal João Goulart, de São Leopoldo, que ganhou o prêmio de melhor roteiro no I Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil (CBPVE). Os professores Andrea Rodrigues e Diego Comerlato Walter foram os orientadores dos alunos. O tema escolhido foi algo bem forte para os professores e até por isso ele e o grupo sofreram certa resistência.

O tema foi abuso de poder de professores sobre os alunos. E o interessante é que os alunos criaram o tema e desenvolveram o roteiro. Um adendo importante: conversei com a professora Andrea sobre a criação do roteiro e o que vou apresentar aqui não é necessariamente o que aconteceu, mas vou **IMAGINAR** que pode ter sido assim a criação do roteiro, como gostei muito quero usá-lo como base. Vou criar uma ficção para encaixar esse roteiro na minha explicação, então lembre-se: é ficção...

A professora pode ter convidado os alunos para participar do festival de vídeo de São Leopoldo e conversa com eles sobre o que poderiam fazer. Neste momento os alunos criam várias histórias, pensam nelas, não escrevem sobre elas. Um dos alunos pode ter pensado que a ação sobre o abuso de poder do professor seria interessante. Nesse ponto estou conscientizando algo que provavelmente foi inconsciente nesses alunos, até pela sua vivência escolar.

A professora chama o grupo à frente da sala para falar o roteiro. Perceba que agora começa a mudança, não seria escrever o roteiro primeiro usando toda a base? Tema – história em Linhas - Argumento – escaleta – Roteiro primeiro tratamento⁷? Sim, essa seria a forma de escrever usando o hemisfério esquerdo do cérebro, o lógico. Já realizei mais de 100 vídeos de ficção e escrevi uns 200 roteiros e **NUNCA** escrevi desta forma padrão. Mas como faço então? Geralmente penso na história e deixo minha mente ir criando, ruminando, pensando nela. Por quê? A neurociência informa que nosso cérebro é dividido em hemisfério esquerdo e hemisfério direito e cada um é especializado em ações diferentes⁸. O hemisfério esquerdo seria ligado à

parte lógica, racional; e o hemisfério direito à emoção, criatividade dentre as ações. Sendo assim, utilizo o hemisfério direito para criar. Ele que "cria" a história do mundo das ideias ("Platão") e depois o que faço é simplesmente escrever de forma lógica a história criada. Antes de escrever este livro escrevi o roteiro do meu próximo filme de longa-metragem "A escola que eu tenho e a escola que eu quero"9. Essa ideia surgiu em novembro e fui deixando ela se assentar na mente e às vezes pensava nos personagens e nas falas. Deixei isso na mente ruminando, mas sempre pensando em cenas, até que em janeiro, no meio da escrita deste livro, me deu "vontade" de escrever e então escrevi o roteiro do filme com suas 58 páginas, direto, sem parar. A história não surgiu do nada. Fui me questionando sobre o tema, os personagens e deixei-os terem vida na minha mente. Sei que em um processo educacional esse tempo não é realista, mas uns dias podem ser interessantes para os alunos deixarem a mente livre para criar. Percebo que a escrita do roteiro é difícil, pois os alunos pensam mais se estão escrevendo dentro das normas do Português normativo. Então a ideia de eles falarem e não escreverem no primeiro momento ajuda a dar ênfase à parte criativa e não à lógica. Como apresentado no capítulo anterior, é uma alternativa quando o docente tem tempo.

O hemisfério direito é o sensível, o da intuição, por isso sugiro não fazer os alunos escreverem, desculpem-me, professores de Português, mas a criação é divina e não humana (ok, forcei a barra e ficou brega). A ideia é deixar os alunos simplesmente falarem, deixá-los livres para criação. Então eles falam a ideia do roteiro para a turma e inicia-se o debate entre os alunos e a turma sobre o tema, o desenvolvimento da história e sua realização prática.

Sugiro que um aluno passe a gravar esse debate, pois muitas ideias são debatidas e nem sempre os alunos que falaram se lembram do conteúdo para escrever depois. Assim, se um aluno ou o professor gravar fica mais fácil. Nessa apresentação, que no cinema chamamos de *Pitching*, os alunos vão falar:

- Tema;

- Resumo da história;

-História passo a passo (cena a cena) - aqui só se o grupo já sabe o que deseja fazer em cada cena;

- O que desejam passar?

O professor pode instigar os alunos a falarem esta parte separada. Isso é importante para o aluno ter consciência do que está falando e como está estruturando sua história. Ficam de fora a **escaleta** e o **roteiro literário**, e neste caso sugiro escrever mesmo para ter algo de forma física para trabalhar. Essa parte prática fica a cargo de quem gosta de escrever, uma vez que se inicia o processo do hemisfério direito que em muitos casos precisa dessa base para iniciar a escrita.

No nosso exemplo os alunos poderiam ter dito algo assim:

"Três meninos roubam a prova de Matemática, são pegos por um professor e obrigados a trabalhar para ele, porém descobrem coisas dos professores, a situação se modifica e conseguem não fazer a prova de Matemática".

Repare que não foi apresentada muita coisa do roteiro, apenas **o que** vai acontecer **com quem** vai acontecer **e como** vai acontecer. Perceba que fizemos o início, meio e fim; ou, se preferir, apresentar o conflito, seu desenvolvimento e depois uma solução para ele. Isso pode ser feito apenas de forma oral.

O docente pode pedir para os alunos irem além ao seu desenvolvimento e já apresentarem a ideia do argumento, mesmo que seja embrionário. Note que aqui estamos com o hemisfério direito, o sensível, sendo estimulado e trabalhando. No nosso caso poderia ter sido assim:



ARGUMENTO

Três amigos que não estudaram para a prova tentam enrolar a professora para não fazê-la. A professora acha que confundiu a data e marca para a próxima aula. Neste intervalo, os alunos discutem como pegar a prova, já que um deles descobriu que a professora usa sempre a mesma matriz. Conseguem pegar a prova, porém um professor de Educação Física descobre o roubo e os obriga a fazer trabalhos para ele, como lavar o carro, organizar a biblioteca, etc. Um dos alunos um dia descobre que o professor tem um caso com a professora de Matemática. O aluno tira foto do casal e começa a fazer chantagem com os dois que passam a fazer o que eles querem. Assim não tem prova de Matemática naquele bimestre.

Perceba que nesta apresentação já temos as cenas, ou seja, a locação de cada imagem, e isso ajuda para depois o aluno separar o roteiro em cenas, no que chamamos escaleta. Se o aluno chegar nesta parte, ótimo, já tem boa parte do roteiro. Escrever as falas e desenvolver é um dos problemas que nem sempre o aluno consegue, mas aí já entra o hemisfério esquerdo e a sua lógica para resolver. Então o segundo passo começa a ficar lógico e deve convidar quem gosta de ler e escrever. Sabemos que bons leitores escrevem melhor do que leitores não tão assíduos. Esse grupo passa a escrever o que foi dito e ajuda no desenvolvimento. É importante ter o roteiro escrito e não apenas na cabeça. Nesta fase o grupo vai apenas transcrever o que falou já dividindo em ações, depois sim vai colocar as falas.

O próximo passo seria justamente escrever a escaleta ouvindo o áudio, no nosso caso está bem clara essa separação das locações. Cada espaço físico é uma cena. Como já vimos, a escaleta é apenas a separação das cenas para se ter ideia do todo. Mas e se eu quiser escrever o diálogo ao mesmo tempo, posso? Claro que pode! Estamos em uma ciência humana, com humanos inconstantes, em uma área não exata em que os procedimentos têm que ser seguidos. Desde que o roteiro saia, faça o que o seu coração achar melhor para a sua realidade (ok foi brega de novo!).



COMO SE FAZ ISSO NA PRÁTICA?

Voltamos ao nosso argumento do roteiro "A Prova".

Três amigos que não estudaram para a prova tentam enrolar a professora para não fazê-la. A professora acha que confundiu a data e marca para a próxima aula. Neste intervalo, os alunos discutem como pegar a prova, já que um deles descobriu que a professora usa sempre a mesma matriz. Conseguem pegar a prova, porém um professor de Educação Física descobre o roubo e os obriga a fazer trabalhos para ele, como lavar o carro, organizar a biblioteca, etc. Um dos alunos um dia descobre que o professor tem um caso com a professora de Matemática. O aluno tira foto do casal e começa a fazer chantagem com os dois que passam a fazer o que eles querem. Assim não tem prova de Matemática naquele bimestre.

Agora é só separar as cenas usando o cabeçalho:

INT. - SALA DE AULA - DIA

Três amigos que não estudaram para a prova tentam enrolar a professora para não fazê-la. A professora acha que confundiu a data e marca para a próxima aula.

EXT – PÁTIO ESCOLA – DIA

Neste intervalo, os alunos discutem como pegar a prova, já que um deles descobriu que a professora usa sempre a mesma matriz.

Perceba que novamente separei apenas as ações que estão na frase. Então o diálogo vai ocorrer dentro desta ação. Quem organiza quem fala, o que e como fala é o roteirista. O ideal é que cada cena contribua para a narrativa, ou seja, apresente uma informação relevante para que o público possa compreender a história. E como ficaria a outra parte do argumento?

Josias Pereira e Cláudio Garcia

Note que agora vão entrar ações curtas que são realizadas em espaços diferentes. E como agir assim?

INT – SALA DOS PROFESSORES – DIA

Conseguem pegar a prova.

Aqui preciso desenvolver como eles pegam a prova, talvez precise incluir outras cenas.

INT - CORREDOR - DIA

Ao sair da sala, porém, um professor de Educação Física descobre o roubo.

EXT - PATIO - DIA

O professor os obriga a fazer trabalhos para ele, como lavar o carro.

INT - BIBLIOTECA - DIA

Organizar a biblioteca.

INT - CORREDOR - DIA

Alunos varrendo o corredor.

INT - CORREDOR B - DIA

Um dos alunos um dia descobre que o professor tem um caso com a professora de Matemática. O aluno tira foto do casal.

INT – BIBLIOTECA – DIA

E começa a fazer chantagem com os dois;

EXT – PATIO – DIA

Que passam a fazer o que eles querem.

Aqui aproveito e desenvolvo a narrativa fazendo o professor de Educação Física limpar a bicicleta dos alunos.

INT - SALA DE AULA - DIA

Assim não tem prova de Matemática naquele bimestre.

Note que foi necessário dividir as ações, pois o roteiro é também para ajudar o diretor na sua organização, assim sabemos que teremos que gravar estas imagens em espaços diferentes.

Creio que já deu para ter uma ideia de como realizar a escaleta de modo simples.

Quero chamar a atenção para um detalhe: perceba que entre a cena sala de aula e roubar a prova sinto falta de um espaço deles debatendo como vão fazer isso. Então posso introduzir uma cena no corredor ou no pátio, onde os alunos criam um esquema de como entrar na sala dos professores e roubar a prova.

No roteiro os alunos criaram uma cena em que convencem um menino do pré a chorar e assim mobilizar as pessoas em torno dele. Um grupo fica vigiando para saber se alguém vai entrar na sala e então se cria uma rede de pessoas fazendo coisas paralelas. Veja que essa ação já modifica o início que escrevi, mas deixa a história mais engraçada, ou seja, modifico o modo de narrar. Uma pessoa que vigia sai do posto para dar em cima de uma menina que passa, o outro fica jogando no celular e o outro grupo na diretoria com o menino chorando. Essas são pequenas ações que o roteirista utiliza para criar um clima na cena. Então esse conjunto de cena ajuda o entendimento do público. A essas cenas extras denominamos subplots (história

paralela) que ajudam na narrativa da história. Entenderam a vantagem de fazer a escaleta? Vejo onde posso melhorar minha narrativa.

Tratamento

O tratamento é a hora de escrever o diálogo, mas cuidado, pois às vezes você pode fazer um, dois, três, quatro...dez tratamentos e vai reescrevendo até o infinito. Por isso é necessário dar um fim a esses tratamentos. Em produção de vídeo estudantil eu sugiro ao professor que dê uma data final de entrega, pois do contrário os alunos ficam fazendo e nunca acabam. Prefiro um prazo curto, e depois ir ajustando conforme a demanda; a um prazo longo, no qual eles só vão escrever em cima da hora.

Prática

Antes de escrever a fala, escreva as características de cada personagem, porque assim ajuda na hora de escrever a fala. Caso contrário, pode ocorrer de os personagens falarem da mesma maneira, ou seja, não ter diferença de personalidade entre cada um deles. É bom lembrá-los de algo muito importante, você, **ROTEIRISTA**, não é o personagem!

Aqui uso o roteiro original que foi cedido pela professora Andrea Rodrigues para vocês verem a diferença entre o que eu imaginei e o que realmente ficou no final.

Agradeço aos professores Andrea e Diego que nos enviaram o roteiro como contribuição. Entenda que muitas ações que comentei não são apresentadas no roteiro, pois é o roteiro deles e como eles o compreenderam, e é isso que importa, melhor do que seguir normas. Outra coisa importante: sugiro colocar nomes dos atores em negrito, pois ajuda na hora de o aluno ler.

No roteiro não se coloca plano, apenas se for extremamente importante para a cena.

Capítulo 7

ROTEIRO – A PROVA

Aqui o roteiro como foi enviado - não fiz as correções para se encaixar ao padrão. Acho válida essa organização para outros professores verem que o roteiro, para ser entendido por eles e sua equipe, não tem que ser feito necessariamente dentro de um padrão comercial.



TÍTULO PROVISÓRIO: A PROVA

ARGUMENTO

Alunos enganam a professora quanto à data de uma prova de Matemática. Planejam então roubar a prova para resolvê-la e poder tirar uma nota melhor. A partir daí acontecem vários contratempos e eles descobrem um professor corrupto e que a própria professora tem um caso. Então a subornam e não precisam fazer a prova.



ROTEIRO

Aluno 1: Adrian (piadista, acha tudo engraçado e faz piada de tudo. Não leva quase nada a sério);

Aluno 2: Alex (o inteligente da turma, o mentor do golpe, irônico);

Aluno 3: Lucas (o medroso, tem medo de tudo, da professora, da mãe, de fazer coisas erradas);

Aluno 4: Bruno (o malandro, às vezes esperto e às vezes meio tonto);

Aluno 5: Manu (o puxa-saco da professora, espertinho, se faz de queridão para tirar vantagem);

Trio de meninas fuxiqueiras: Emily, Gabriele e Elizete.

Dia 1

Cena 1 - Interior - Dia

Sala de aula. Professora entra e alunos vão se ajeitando na sala. Alguns sentam, outros não...

Professora: Gente, sentem!!! E vamos se organizar... Hoje tem prova! Separem bem as classes.

Adrian: Prova? Que prova?

Alex: De Matemática... ela é professora de Matemática...

Adrian: Ã??

Lucas: Eu não estudei nada...

Alex: Mesmo que tu tivesse estudado não ia adiantar nada...

Risadinhas...

Bruno: Sora, prova surpresa? Não tem prova marcada...

Elizete: Tem sim, sora!!!

Bruno: Ô guria, alguém te perguntou alguma coisa?

Professora: Marquei sim, gente. Tenho marcado aqui na minha agenda.

Gabriele: Viu? Ela disse que tinha...

Bruno (olha o caderno e arranca a folha- close na marcação):

Não tenho nada anotado aqui não.

Manu abraça a professora e arranca o cartaz da parede.

Professora: Como não? Eu coloquei um cartaz aqui no lado do quadro. Ué? Tiraram o cartaz?

Alex e Bruno "chutam" a canela das fuxiqueiras...

Bruno: Que cartaz?

Sorinha, não tem prova nenhuma hoje. Tu tá muito cansada... Tá confundindo.

Professora: Mas eu tinha certeza que tinha prova hoje... Bom, vamos fazer uma revisão e remarcar a prova para quinta-feira.

Adrian: Amanhã?

Alex: Amanhã é quarta... É depois de amanhã...

Professora passa alguns exercícios no quadro.

Adrian: Ah tá... Ai... eu preciso estudar... Me ajuda?

Lucas: Sim, vamos estudar juntos hoje...

Alex: Meu Deus! Juntou a fome e a vontade de comer...

Dia 1

Cena 2 - Interior - Dia

Casa do aluno

Adrian e Lucas tentando estudar...

Adrian: Tem certeza que este é o caderno de Matemática?

Lucas: Matemática?

Adrian: A prova é de Matemática... Tem que estudar Matemática.

Lucas: Ah... é mesmo... Peraí. Acho que tá aqui o caderno...

(Começa a procurar na mochila, acha bolachas velhas, um ursinho, um casaco, um livro da Natura, mais dois cadernos...)

Adrian: Achou?

Lucas: Tá aqui... Ué... acho que eu não copiei o último exercício.

Entram Bruno e Manu

Manu: Não tô conseguindo estudar. É muita coisa.

Bruno: Eu não entendi nada. Vocês copiaram os últimos exercícios?

Adrian: Ele não copiou nada.

Chega o Adrian

Alex: Eu tenho um plano! Se vocês quiserem eu posso colocar vocês na jogada...

Adrian levanta e sai correndo

Alex: Onde tu vai?

Adrian: Buscar minha chuteira... Nós não vamos jogar bola?

(Alunos se olham com cara de ã...)

Alex: Nós vamos roubar a prova.

Lucas: Não... E a polícia? Se a minha mãe sabe, se a polícia pegar a gente, se a

gente for preso, a gente vai pra FEBEM. **Bruno:** A FEBEM nem existe mais... **Lucas:** Então a gente vai pro São Pedro...

Adrian: São Pedro? A gente vai morrer!!

Confusão, gritaria.

Alex: Parem... Ninguém vai morrer, ninguém vai pro hospício.

Manu: O São Pedro é um hospício. Alex: Ninguém vai pra FEBEM.

Bruno: A FEBEM nem existe mais.

Alex: Tá, ninguém vai pra Fase. Manu: Tá, mas que plano é esse?

Alex: O plano é o seguinte: Nós vamos roubar a prova.

Adrian: Vamos roubar como? De que jeito?

Alex: Eu ouvi duas professoras conversando dia desses.

Flashback: Aluno 2 do lado de fora da sala dos professores. Professora de Matemática veterana conversando com professora de Matemática nova.

Professora Matemática veterana: Eu não perco mais meu tempo fazendo provas... Já tenho tudo montado desde o início do ano. Já está tudo programado. Perto das datas das provas eu só mando fazer Xerox.

Professora Matemática nova: Sério? Não tinha pensado nisso.

Professora Matemática veterana: Claro. Pra que ficar se matando? Eu faço elas iguais há anos... Bruno: Bah, mas eu repeti três vezes o 6º ano e nem vi que as provas eram iguais...

Alex, Lucas e Manu se olham...

Adrian: Ainda bem que a minha professora não era ela... Minha prova era sempre diferente...

Alex: Tá, vamos ter que organizar nosso plano...

Narração - O sinal para o recreio bate às 9h20min. A Secretária sai da Secretaria às 9h21min. Às 9h22min o Adrian, o Lucas e o Manu estarão a postos. Cada um no seu ponto. Adrian em frente ao painel da Dengue, Lucas fica na porta da Secretaria e Manu no corredor perto da Cantina. O Bruno fica de olho lá no segundo andar... E tem que ficar de olho mesmo... às 9h23min eu entro e roubo a prova.

Manu: Mas e se ela chavear a porta? Adrian: Bota um chiclete na fechadura.

Lucas: Ecaaaaa...

Alex: Tá bom. Boa ideia... bota um chicle na fechadura. Manu faz isso... Continuando... assim que eu achar a prova, o que deve durar cerca de 3h45 min, saio pela porta e vou direto pro Ginásio. Lá, do lado de fora vai estar esperando o meu amigo Jorjão, que vai fazer os Xerox no Bazar Irreal...

Bruno: Mas por que fazer o Xerox no Bazar? Pede pra secretária fazer...

Lucas: É. Faz na Secretaria. O Xerox do Bazar é mais caro e fica todo desconfigurado.

Bruno: Isso mesmo. Eu fiz um Xerox lá e ficou muito borrado, nem dava pra entender o que tava escrito... E é mais caro.

Alex: Nós vamos fazer no Bazar e pronto! Lucas: Tá bom... Eu só dei uma ideia...

Mãe: Quem quer pipoca???

Alunos: Sim!!!

Bagunça das pipocas...

Alex: Continuando... depois eu distribuo as provas e a gente resolve tudo, e decora. Depois é só responder a prova no dia da aula.

Adrian: Decorar??? Ah não! Eu odeio decorar. Não vai dar.

Alex: E tu quer fazer a prova como, inteligente?

Adrian: Ah, é... Eu achei que a gente ia entregar a prova.

Bruno: É, ia ser trimassa. A professora ia ficar tri de boca aberta... A gente entregar logo tudo pronto. Ia ser o primeiro a entregar. Só pra dizer: EU JÁ

FIZ!!!

Alex: Sim, animal... E ela nem ia desconfiar de nada.

Bruno: Será que ia?

Manu: E se isso não der certo?

Dia 2 Dia do Roubo

Cena 3 - Interior Sala de aula - Dia

Alunos combinam por gestos os últimos detalhes do roubo...

Lucas: Ai, tô com dor de barriga... Posso tomar um chá, professora?

Professora diz que sim com a cabeça.

Alex: Ai meu Deus!

Dia 2

Cena 4 - Interior Corredor - dia

Corredor, todos a postos...

Lucas no banheiro, Bruno de binóculo no corredor do segundo andar... Adrian na frente do painel da Dengue, Manu coloca chiclete na fechadura e sai.

Bate o sinal. Secretária sai da Secretaria. Close na fechadura com chiclete...

Dá de ombros e sai.

Entra Alex na Secretaria.

Cena - Fora da Secretaria

Criança chega chorando com corte no joelho. Lucas entra com ele na Secretaria.

Lucas: Para de chorar.

Criança: Tá doendo... buáaaa.

Alex: Que é isso? Faz um curativo nele. **Lucas:** Mas eu não sei fazer. Me ajuda. **Alex:** Tenho que procurar a prova.

Criança: Buáaaaaaa.

Adrian: O que aconteceu? Criança: Eu caí... Buáaaaa.

Adrian: Faz um curativo nele logo...

Lucas: Mas eu não sei fazer.

Adrian: Peraí...

Cena - procurando a prova - Dia

Alex procurando a prova...

Cena

Criança com metade da perna enrolada com papel higiênico e fita durex. Entra Manu

Manu: Mas o que é isso??? Criança: Eu caí... buáaaaaa.

Manu: Ele vai conseguir caminhar com isso?

(Lucas leva criança no colo até o corredor)

Bruno cuidando dos dois lados. Vê Secretária na cozinha. Depois olha o lado

da frente da escola. Volta para o lado da cozinha e Secretária não está mais.

Corre para o lado da frente e a vê chegando perto da Secretaria.

Bruno sacudindo os braços...

Bruno: Ela vem vindo...

Manu intercepta ela no corredor.

Manu: Oi Secretária! Tudo bem? Como você está bonita hoje. Emagreceu,

né?

Sai todo mundo correndo da Secretaria, tira o chiclete da fechadura e entra na

salinha da Coordenação.

Adrian: Fica aqui. E não chora.

Criança: Buáaaaaa.

Corre-corre...

Na correria esbarram no professor corrupto.

Professor: Onde vocês estavam? Eu sei de tudo. Vou contar tudo na

Direção... A menos que...

Cena

Alunos levando lanche pra ele, lavando carro, carregando os livros...

85

Cena

Casa do aluno

Interior - tarde do mesmo dia...

Manu: Eu disse que isso não ia dar certo.

Bruno: Eu tô cansado... Lucas: Eu vou estudar. Adrian: Eu também...

Alex: Hoje à noite a gente pode entrar lá. Lucas: De noite? Mas é muito escuro.

Adrian: E dizem que o fantasma do João Goulart vagueia por lá. Já teve gente

que viu passeando lá no segundo andar.

Mãe: Pipoca???

Todos pulam e gritam...

Alex: Não tem fantasma nenhum lá. A gente fica no banheiro depois que terminar o treino. Quando todo mundo sair, a gente vai até a Secretaria e faz o servico.

Manu: Vai ter que pôr chiclete na porta de novo?

Alex: Não. Eu consegui pegar uma cópia da chave quando sai da Secretaria.

Bruno: Bah, cara. Como tu é inteligente...

(Adrian e Lucas continuam tentando estudar)

Manu: Tudo certo então? Depois do treino? Vocês? Vão estudar ou vão com

a gente?

Lucas: Eu tenho medo...

Adrian: Então fica estudando.

Lucas: Não...

Cena

Ginásio final do treino

Professor de Educação Física: Muito bem, galera! Por hoje é só... até mais...

Alunos: Tchau sor...

Interior - Banheiro - noite

Todos apertados no banheiro. Lucas solta um pum

Adrian: Pelo amor de Deus. O que é isso?

Lucas: Eu tô nervoso.

Manu: Não podia ficar nervoso sem cheiro?

Bruno: Que horror!!!

Alex: Vamos...

Cena Secretaria

Alunos tentam entrar e ouvem vozes

Casal de professores discutindo.

Professor de Educação Física: Mas meu amor, eu nunca iria te trair.

Professora de Matemática: Ah é? Eu vi aqueles teus olhares para a professora nova dos pequenos. Bem bonita ela, né?

Professor de Educação Física: Sim, bem bonita... ã... não quis dizer isso...

Professora de Matemática: Viu só? Eu sabia... já tá arrastando as tuas asinhas...

Professor de Educação Física cheira o "sovaco"... mas meu amor... não fica assim. Você é a mais linda de todas!

Os dois fazem as pazes.

Bruno gravando tudo no celular pela janela do corredor...

Dia 3

Sala da aula

Professora entra, pede para os alunos sentarem.

Elizete: Ô Bruno, o que tu tava fazendo na escola ontem de noite... **Bruno:** O que tu tem a ver com isso, guria? Vai cuidar da tua vida.

Gabriele: Ai, que guri grosso...

Adrian: Olha aí... a defensora da Educação alheia!!! Uiiii...

Alunos: Uiiiiiii...

Professora: Vamos se aquietar, gente!

Elizete: Ô sora, sei não..., mas o Bruno tava fazendo coisa errada ontem... E

tinha mais alguns daqui também... Nem vou dizer quem é...

Gabriele: É mesmo... E se ela tá falando é verdade. Ela mora aqui na frente... Lucas: Cala a tua boca, guria. A gente só tava aqui procurando uma prova de

Matemática...

Professora: Todo mundo pra direção...

Levanta todo mundo...

Professora: Vocês duas não.

Elizete: Ah...

Gabriele: Ah sora, deixa... Professora: Vamos lá...

Na sala da direção

Alunos todos quietos.

Professora: Algumas alunas viram estes alunos invadindo a escola ontem à noite. Não sei ao certo o que fizeram, mas há suspeitas de que estavam roubando provas. Além disso, hoje houve uma confusão na sala.

Diretora: O que vocês têm a falar sobre isso?

Alex: Prezada diretora, na noite do dia de ontem, tivemos alguns problemas com o conteúdo da prova da disciplina da digníssima professora aqui presente. Portanto, resolvemos tentar encontrá-la aqui na escola. Como não logramos êxito, resolvemos voltar para nossas residências e estudar todo o conteúdo em questão. O fato de algumas de nossas colegas, que não têm muitas coisas para fazer, estarem tentando nos difamar, muito me aborreceu. Portanto, acabamos nos exaltando um pouco e meu colega Bruno ofendeu as meninas. Caso esse que tão logo cheguemos à sala de aula será resolvido.

Diretora faz uma cara de espanto...

Alguém bate à porta

Criança: Diretora, eu machuquei o joelho...

Diretora pede licença e sai...

Enquanto isso...

Professora: Vocês acham que me enganam com essa ladainha?

Bruno: Professora, eu quero te mostrar algo...

Bruno alcança o celular para a professora e ela olha assustada... Tenta apagar...

Alex: Não adianta apagar. A gente tem mais cópias, muito bem guardadas... Podemos publicar a qualquer momento...

Roteiro na prática de vídeo estudantil

Diretora entra.

Professora: Eu acho que nós já resolvemos tudo, Diretora. Vamos deixar assim. Eles só queriam saber o conteúdo. Acho que vou explicar um pouco melhor... Podemos subir agora, né, meus queridos?

Sala de aula.

Alunos dizem BOM DIA professora...

Adrian: Hoje tem prova né, sora?

Alunos olham com cara de mau...

Professora olha a agenda e arranca a página que diz prova.

Professora: Prova? Não... hoje não...

Alunos se olham com cara de satisfação...

FIM

Quem quiser ver o filme acho que vale a pena. Sempre tem diferença entre o roteiro literário (este que escrevemos) e o roteiro final já filmado.¹⁰



Capitulo 8

AGORA É A SUA VEZ

Bem, neste livro tentamos apenas dividir com você, professor, um pouco de como escrevemos roteiro na prática, sei que você deve concordar com algumas ações e discordar de outras, é normal. O importante é você ter o conhecimento e organiza-lo para a sua prática. Algumas ações são iguais, outras complementares, até contra o padrão. Não queremos dar a fórmula do bolo, até porque ela não existe, apenas queremos que você conheça ações diferentes de criação de roteiro na prática e crie ou adapte uma para você. De nossa parte esperamos poder ver roteiros cada vez mais instigantes como alguns comentados aqui no livro.

Parabéns a todos os professores e alunos que entram nesse caminho do mundo das artes e se apaixonam pelo que fazem. Nos veremos nos festivais e no Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil CBPVE.

Aqui um APP sobre vídeo de estudantes para você poder ver e debater com seus alunos. APP Cineclube Estudantil.

Abraços, gente!

SOBRE JOSIAS PEREIRA



Iosias Pereira possui graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Ianeiro (UFRI) Habilitação (Rádio/TV), pósgraduação em Psicologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), mestrado em Tecnologia Educacional pela Federal do Rio de Janeiro (UNI-Rio). É doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e tem pós-doutorado pela Universidade Estadual de

Londrina (UEL), Estudos da Linguagem. Trabalhou em emissoras de TV e produtoras na cidade do Rio de Janeiro como operador de câmera, editor/montador, produtor e diretor em vídeos, comerciais, campanha política e programas de TV. Trabalhou no SENAC/RJ coordenando a área de tecnologia e na criação de cursos técnicos (2000/2007); coordenou o curso de Comunicação Social da Faculdade UNIFAMMA na cidade de Maringá (2009 -2011) e foi conselheiro municipal de Cultura da cidade de Maringá (2009-2011). Fez parte do conselho da Associação dos Profissionais de Propaganda em Maringá (APP). Foi o idealizador do videvídeo da UFRJ. Criou e coordenou o Festival de Vídeo de Maringá (2009-2010), realizando oficinas em 20 cidades da região. Em 2012 criou o Festival de Vídeo Estudantil de Pelotas com oficinas de produção de vídeo usando software livre. Em 2014 ajudou na criação do Festival de Vídeo Estudantil de Rio Grande. No ano de 2015 ajudou a criar e coordenar o Festival de Vídeo Estudantil de São Lourenço do Sul e de São Leopoldo. Em 2016 ajudou na criação do Festival de São José do Norte e Capão do Leão. Realiza workshops sobre educação e

tecnologia e produção de vídeo nas escolas. Por dez anos trabalhou com o grupo Núcleo Pesquisas, coordenado pelo doutor Moises Groisman, realizando vídeos sobre terapia de família e colaborando nos roteiros, ampliando sua base em Psicologia Social e Sociologia do Conhecimento. Na Prefeitura do Rio de Janeiro trabalhou por sete anos como voluntário no CIEP (2001- 2007) Dr. Adão Pereira Nunes, realizando oficinas de vídeos e telejornalismo com os alunos do 3º ano do ciclo fundamental, o que resultou em dois prêmios internacionais. Trabalhou na ONG CEASM, onde em 2000 ajudou a criar a Oficina de Vídeo para moradores do Bairro (Favela da Maré). Tem experiência na área de Educação e Comunicação, com ênfase em Produção de Vídeo em escolas, tecnologia educacional e roteiro. Para esses trabalhos acadêmicos utiliza teorias da Semiótica Francesa, Psicologia social, Neurociência, Sociologia do Conhecimento, Teoria da Representação Social. É diretor e roteirista independente com 100 trabalhos audiovisuais. Realiza vídeos educacionais que são doados a escolas e centros culturais, recebendo prêmios nacionais e internacionais. Lançou sete livros, com temas sobre tecnologia educacional, produção de vídeo, montagem e terapia de família. Atualmente é professor da Universidade Federal de Pelotas na área de Cinema e Audiovisual e coordenador do grupo de pesquisa O Percurso gerativo de Sentido na direção de Atores. É avaliador nas atividades que a INTERCOM propõe, no âmbito da EXPOCOM e/ou INTERCOM Jr. e DTs dos Congressos Regionais. Coordena o Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil é docente do curso de Cinema e Audiovisual e do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

josiasufpel@gmail.com

SOBRE CLÁUDIO GARCIA





Claudio Garcia é ator desde 1989 e já atuou em diversos espetáculos profissionais. Formado em Artes Cênicas pela UNI-RIO (1998), criou a Companhia Chronos de Teatro com mais um amigo, em 1997, onde produziram 9 espetáculos teatrais até 2004. A Chronos desenvolvia seu trabalho de pesquisa histórica, realizando espetáculos a partir de temas reais da história do Brasil e peças sobre o Rio Antigo. O embrião de Valentim Mestre surgiu ainda nos tempos de Chronos e, junto com Os Pilões e a Pólvora e Presiganga, completaria a trilogia real infanto-juvenil. Seus últimos trabalhos em teatro

foram em "Valentim Mestre" (2015), texto e direção de sua autoria, no papel de Tiradentes; e, em 2016 e 2017, em Romanceiro Popular da Cia. Entreato.

Desde 1999, é professor de Artes Cênicas na Rede Municipal do Rio onde coordena o projeto Núcleo de Vídeo – Posso Fazer Cinema (desde 2003), e ministra aulas de cinema, já tendo realizado mais de 120 curtas-metragens com os alunos. Atualmente, trabalha com audiovisual em duas escolas municipais e num colégio particular.

Em TV, participa de novelas da Rede Globo desde 1995, onde já somam mais de 100 participações. Com personagens fixos atuou nas novelas Vidas Opostas (2006), Vidas em Jogo (2011) e Os Dez Mandamentos - Segunda Temporada (2016) - na Rede Record; e em Fina Estampa (2012), Amor à Vida (2013), Império (2014), Verdades Secretas (2015), Liberdade, Liberdade (2016), Haja Coração (2016), Justiça (2017), Os Dias Eram Assim (2017) e atualmente está em Deus Salve o Rei, no papel de Helvio – na Rede Globo.

Apresentou diversos programas institucionais e em TV. Destacam-se: SESC Pantanal, produzido pelo SENAC (2009) e "Rede Comep", produzido pela Documentária Filmes e dirigido por Roberto Faustino. (2006), a Série "Momento Ciência", da WebTv Petrobrás, produzida pela Lumini Filmes. (2005/2006), a Série TV COPA, para Unimed, produzida pela Aquarela Filmes (2005/2006), a Série de quatro programas "Trilhas da Educação", programa sobre mediação pedagógica, da divisão de Educação a Distância do SENAI/FIRJAN, dentro do programa Espaço Educação, produzido pela Tv FIRJAN. (2004), a série ABRINDO O VERBO, programa de debate com alunos de escolas municipais do Rio de Janeiro, totalizando 42 programas. A série foi produzida pela MultiRio (Empresa de Multimeios da Prefeitura do Rio), entre 2002 e 2003, e teve direção de João Alegria.

Em 2010, criou a TV Bigode, um canal na internet onde escreveu, dirigiu, e produziu todo conteúdo até 2012, totalizando mais de 90 vídeos, onde apresentou os programas BIGODE INDICA e CUECA APERTADA.

De 2012 a 2015, criou e foi responsável por todo conteúdo audiovisual da ANDE - Associação Nacional de Desporto para Deficientes, onde realizou e foi repórter em mais de 70 vídeos em importantes competições paraolímpicas no Brasil e no exterior, com destaque para os Jogos Paraolímpicos de Londres e o Mundial de Bocha na China. Ainda nessa área, foi o locutor oficial da Arena Carioca 2, nos Jogos Paraolímpicos Rio 2016, na modalidade de bocha. Atualmente é diretor de Comunicação e Marketing da entidade.

Em 2014, produziu e dirigiu cinco vídeos para a FIFA durante a Copa do Mundo, com jovens de 32 nações, no projeto FIFA Football for Hope.

Claudio Garcia

cg.claudiogarcia@gmail.com

(21) 98476-2878

SOBRE DOC COMPARATO





'É um expert em dramaturgia, com a extraordinária qualidade de produzir e teorizar no mais difícil meio de comunicação de massa: a televisão. Se distinguiu ao pôr em prática conceitos pessoais e modernos que repercutem imediatamente no resultado final do produto audiovisual."

"O olhar agudo de Doc Comparato o converteu em um dos homens mais respeitados da Comunicação, contando com a vantagem de conhecer os pontos essenciais do telespectador como poucos o conseguiram."

"As oficinas, conferências e debates que propicia, deixam sempre nos participantes a necessidade de fazer uma melhor televisão no dia seguinte."

'É um dos mais importantes dramaturgos latinoamericanos vivos."

Doc Comparato: É médico, dramaturgo, roteirista e escritor. Nasceu em 3 de novembro, no Rio de Janeiro, Brasil, e foi fundador da Casa de Criação da Rede Globo. Seus trabalhos abrangem o teatro, o cinema e a televisão tanto no Brasil como no exterior. Sua carreira teve início no ano de 1978.

Possui sete prêmios internacionais, destacando-se a medalha de ouro do *New York Films and Television Festival* e seu trabalho de coautoria numa minissérie com o prêmio Nobel Gabriel García Márquez. Também assinou as primeiras séries e minisséries da TV brasileira, que se tornaram clássicos. Como didata e teórico em dramaturgia, escreveu o livro *Da Criação ao Roteiro*, pioneiro dessa matéria em vários continentes. Seu último cargo universitário foi em 2004, em que foi professor de Roteiro da Escola de Cinema de Berlim.

Em teatro sua mais recente conquista foi a estreia de Nostradamus, em Roma, e o prêmio Ana Magnani. Em 2014 foi à Suíça para realização de *Doctor Script* em oito roteiros internacionais, convidado pela organização europeia *DreamAgo*, além da inauguração do Máster da Escola de Cinema e TV de Santo Antonio de *los Baños* em Cuba.

DOC COMPARATO ®(823008819) é um *Alumni* do Programa de Liderança para Visitantes Internacionais, 1982, Departamento das Américas – EUA, e também da DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico - Alemanha).

DESTAQUE 2016: Doc se torna finalista do concurso internacional de roteiro CANNES SCREENPLAY CONTEST.

DESTAQUE 2017/2018: O Roteirista completa 40 anos de carreira.

Para maiores informações sobre o autor visite: www.doccomparato.com

REFERÊNCIAS:

ARISTÓTELES. Poética. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1992.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria Semiótica do Texto. São Paulo: Ática, 1990.

BARTHES, Roland. Análise Estrutural da Narrativa. Ed. Vozes, 1977.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 2005.

BREMOND, Claude. A lógica dos possíveis narrativos. In. BARTITES, Roland.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. 10. Ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

CARRIERE, Jean Claude. A Linguagem Secreta do Cinema. Nova Fronteira, 1994.

COMPARADO, Doc. Da Criação ao Roteiro. Editora: Summus. Rio de Janeiro, 2000.

FARR, Robert. As raízes da psicologia social moderna. Petrópolis, RJ: Vozes,2004.

FERRÉS, Joan. Para uma tecnologia educacional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERRÉS, Joan. Televisão e Educação. Artes Médicas, 2000.

FIELD, Svd. Manual de Roteiro. Editora: Objetivo, 1982.

GANCHO, **Cândido Vilela.** *Como analisar narrativas*. 7. Ed. São Paulo: Editora Ática. 1997.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas – a teoria na prática**, Editora Artes Médicas, 1994.

GREIMAS, A. J. Semântica estrutural: pesquisa de método. São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. Dicionário de Semiótica. São Paulo: Contexto, 2008.

JODELET, Denise. **Representações sociais: Um domínio em expansão**. In D. Jodelet (Org.), *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

JUNG, Carl Gustav. Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo. Editora: Vozes, 1969.

MCKEE Robert, Story. Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro. 2006.

MIGLIORIN, Cezar. Política. In: **Inevitavelmente Cinema** – educação, política e mafuá. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

MOSCOVICI, Serge. A Representação Social da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1978.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Petrópolis (RI): Vozes, 2003.

PEREIRA, Josias. A representação social no comercial televisivo. INTERCOM, 2007.

PEREIRA, Josias. Criando o 5º poder. 2007.

PEREIRA, Josias. Verdade derradeira, porque a TV pode mentir. RJ: Erdfilmes. 2007.

PEREIRA, Josias; CARDOSO, Gisele. Verdade derradeira, porque a TV pode mentir. Erdfilmes, RJ, 2005.

PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. Forense Universitária. 2010.

PROPP, V. Morfologia do conto maravilhoso. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SEGER, Linda. Como Aprimorar Um Roteiro. Bossa Nova, São Paulo, 2007.

SILVERSTONE, Roger. Inventar o quinto poder. **Revista Carta Capital.** Ano IX nº 227, em 12 fev. 2003. São Paulo: Editora Confiança, 2003.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? São Paulo: Loyola, 2002.

SPINK, M. J. **Desvendando as teorias implícitas: Uma metodologia de análise das representações sociais.** In: P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), *Textos em representações sociais.* 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993 (p. 117-145).

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor**. Ed. Saraiva. 1998. VYGOTSKY, Lev. **A Construção do Pensamento e da Linguagem.** Ed. WMF Martins Fontes, 2009.

INTERNET:

A Luz é Invencível. Acessando Energia de Alta Frequência Com Sua Glândula Pineal. Disponível em:https://portal2013br.wordpress.com/2014/10/01/acessando-energia-de-alta-frequencia-com-sua-glandula-pineal/.

LUCKESI, Cipriano. **O** cérebro trino, os estados emocionais e o fluxo da vida. Disponível em: http://www.curandocriancaferida.com.br/index.php/fale-conosco/artigos/51-o-cerebro-trino-os-estados-emocionais-e-o-fluxo-da-vida.

PEREIRA, Josias. A Representação Social no Comercial Televisivo. Uma nova visão para a área de comunicação. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVII Prêmio EXPOCOM 2010 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Disponível em:

http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-1019-1.pdf.

^[1] Uns vão apresentar essa ação invertida primeira interna ou externa depois cena e o nome. O importante é que seja o cabeçalho separado para a equipe entender.

NOTAS DE FIM:

https://www.dropbox.com/sh/rvjp71ttmxqcn3n/AACB6VenOBMuO-OBU70GRYzZa/UFPel_TCC_CinemaAudiovisual_2015-2_Kelly_Christ.pdf?dl=0>.

⁴A Luz é Invencível. **Acessando Energia de Alta Frequência Com Sua Glândula Pineal.**Disponível em:https://portal2013br.wordpress.com/2014/10/01/acessando-energia-de-alta-frequencia-com-sua-glandula-pineal/.

⁵ I Festival Brasileiro de Vídeo Estudantil. Disponível em:https://www.youtube.com/playlist?list=PLNO6rIIMAel1qDleajzlmqVUS1Do55DtQ.

⁶**CBPVE - O Congresso Brasileiro de Produção de Vídeo Estudantil.** Disponível em: http://videoestudantil.com.br>.

⁹ A Escola Que eu quero e a Escola que eu tenho. Disponível em: https://www.facebook.com/A-Escola-Que-eu-quero-e-a-Escola-que-eu-tenho-1425096281130485/.

10A prova. Canal de Andréia Rodrigues. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CZ-wc9b15ZE&t=1s.

¹ CHRIST, Kelly Demo. **Perspectivas de ensino e expressão com o cinema: um estudo a partir do projeto oficina de vídeo estudantil.** Disponível em:

² Pós-doutorado, tendo como tema A teoria de Greimas o percurso gerativo de sentido.

³ A peripécia é uma ação forte que se desvenda de maneira contraria ao esperado.

⁷ Essas ações serão explicadas no próximo capítulo.

⁸ Vários neurocientistas não concordam com essa divisão!